

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**O Kung Fu Tradicional  
e  
o Wushu Moderno**

*Trabalho de Pesquisa desenvolvido pelo graduando  
Vinício Renner Koppe para obtenção do grau  
Bacharelado em Educação Física pela UFRGS,  
orientado pelo Prof. Dr. Marco Paulo Stigger e co-  
orientado pelo mestrando Flávio Mariante.*

**Porto Alegre  
2009**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha esposa Juliana Ximenes pelo apoio e carinho ao longo destes cinco anos de graduação, que me ajudou e me aconselhou permitindo que eu tomasse melhores escolhas.

À minha mãe e a minha avó, por todo apoio, carinho e preocupação com minha alimentação. E à toda minha família que me ajudou para que eu chegasse onde estou, e que de alguma forma me ajudaram no meu crescimento e amadurecimento.

À família ProWushu, que se constitui como uma segunda família para mim, que se não fosse por ela este trabalho não teria sido realizado.

A todos os amigos que me ajudaram a realizar este trabalho diretamente, ou indiretamente perguntando sobre como estava o andamento deste.

A todos os participantes da pesquisa, que participaram das entrevistas e possibilitaram a realização deste trabalho.

À Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que me proporcionou um ensino de qualidade e gratuito.

Ao grupo GESEF que possibilitou o meu amadurecimento em relação a pesquisa sócio-cultural em educação física ao longo dos últimos dois anos.

E principalmente ao meu orientador, professor Marco Paulo Stigger e ao co-orientador, o mestrando Flávio Py Mariante; agradeço pela orientação, apoio e paciência no auxílio da realização desta pesquisa.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	04
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b>	
2.1 ESPORTE.....	07
2.2 ESPORTES DE LUTA.....	13
2.3 WUSHU/ KUNG-FU.....	21
2.3.1 Wushu Tradicional.....	22
2.3.2 Wushu Moderno .....	29
<b>3 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS</b>	
3.1 PROBLEMA DE PESQUISA .....	32
3.2 JUSTIFICATIVA .....	32
3.3 OBJETIVOS .....	32
3.3.1 Objetivo Geral .....	32
3.3.2 Objetivos Específicos .....	32
<b>4 METODOLOGIA</b>	
4.1 COLETA DE DADOS.....	33
4.2 CONSTRUÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	34
4.3 PROCEDIMENTO ANALÍTICO.....	34
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	35
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	53
<b>ANEXOS</b>	
Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	56
Anexo 2 – Roteiro de Entrevista para Professores.....	57
Anexo 3 – Roteiro de Entrevista para Praticantes.....	58

## 1 INTRODUÇÃO

O tema central deste trabalho é o *Wushu*, este termo é originado do mandarim e significa ‘arte da guerra’(THEEBOOM; DE KNOP, 1997). O Wushu consiste em técnicas de luta utilizadas pelos povos do extremo oriente antes do surgimento das armas de fogo como a principal forma de lutar e se defender. Portanto, este se constitui basicamente em técnicas de luta com as ‘mãos nuas’ ou com ‘armas brancas’(espada, lança, etc). Esta prática corporal de luta ficou conhecida no ocidente através do termo “*Kung Fu*”.

A China detém um vasto território de 9 572 909 km<sup>2</sup> com variadas características climáticas, geográficas onde se encontram diferentes etnias e culturas, desta forma o Wushu também se desenvolveu de diversas formas conforme cada região da China, possibilitando o surgimento de diferentes técnicas, e formas de conceber as práticas corporais de luta. Estas diferentes formas de praticar o Wushu são chamadas de estilos, muitos possuem seu nome relacionado a animais (Garra de Águia, Louva-Deus), região onde se originou (Shaolin do Norte) ou sobrenome de alguma família de onde surgira (Hung Gar - Punhos da Família Hung).

As artes marciais ou técnicas de combate surgiram provavelmente com a necessidade de povoados ou tribos se defenderem de animais selvagens ou tribos rivais na luta por comida ou território, e ao longo do tempo técnicas de luta corpo a corpo e com armas foram se aprimorando e sendo passadas a outras gerações subseqüentes, iniciando deste modo, a cultura das artes marciais (REID; CROUCHER, 2003).

A expressão ‘*arte marcial*’, empregado para designar técnicas de luta ou de guerra, é derivado do nome latino do planeta Marte, pois o planeta representava o deus romano da guerra; sendo utilizado desde o século XIV, em referência ao treinamento militar (REID; CROUCHER, 2003).

Com o desenvolvimento das sociedades e da tecnologia, as técnicas de combate para a guerra foram se aprimorando, principalmente a partir do surgimento das armas de fogo. Isto fez com que as técnicas de luta corpo-a-corpo com a utilização de armas brancas e armaduras perdessem sua eficácia e relevância numa

guerra. Apesar destas práticas se tornarem ultrapassadas e terem perdido sua finalidade original em grande parte, elas não foram abandonadas, mas continuaram a se desenvolver a partir de outras formas de *apropriação* destes conhecimentos.

Esta prática acabou por sofrer uma resignificação, adquirindo outras finalidades como, por exemplo; com os objetivos de aprender técnicas de defesa pessoal, como esporte, como espaço para aprender uma nova cultura, conhecer os valores religioso-filosóficos pertencentes a algumas práticas ou como auxílio na formação do indivíduo. De acordo com Stigger (2002), na sociedade moderna podemos identificar diversos motivos pelo qual um indivíduo escolhe praticar um esporte. Os fatores mais comuns são por questões de saúde, estética, lazer, sociabilidade e esporte de competição/profissionalismo (STIGGER, 2002).

Sempre gostei de filmes de artes marciais, mas a vontade de praticar o Wushu em particular surgiu quando assisti ao filme “Arrebentando em Nova York” (Rumble in the Bronx, 1995), onde estrelava o famoso ator chinês Jackie Chan. Nascido em Hong Kong, Jackie Chan estudou durante dez anos na Escola de Ópera de Pequim, onde aprendeu diversos estilos de Wushu, acrobacias, canto e teatro, tornando-se um famoso ator de filmes de ação e artes marciais <sup>1</sup>. Então pratiquei o Wushu do estilo Shaolin do Norte por uma questão de lazer e saúde. Após um ano de prática, tive contato com um estilo até então desconhecido para mim chamado ‘Wushu Moderno’, através do mesmo professor, que o ensinava esporadicamente e paralelamente com o estilo Shaolin do Norte. O Wushu Moderno é um estilo criado em 1950 com o intuito de representar todos os estilos de Wushu na China, mas constituído de forma desportiva. Para desenvolver este novo estilo o governo chinês reuniu alguns mestres dos principais estilos “tradicionais” de Wushu. Este ‘novo Wushu’ teve suas técnicas de execução e regras de competição padronizadas. Esta mudança tinha o intuito de facilitar a realização de competições nacionais e internacionais, divulgando o Wushu Moderno como o esporte nacional chinês <sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Informações retiradas do Website Oficial de Jackie Chan: [www.jackiechan.com](http://www.jackiechan.com), onde se encontram maiores informações sobre o ator. Acesso em: 07/09/09.

<sup>2</sup> Informações retiradas do artigo “Kung Fu – A História do Wushu Moderno”, publicado no Jornal de Artes Marciais Chinesas e no site [www.martialarts.com](http://www.martialarts.com). Traduzido por Mariana Nascimbem Blaser e postado no site [www.portaldekungfu.com](http://www.portaldekungfu.com). Acesso em: 16/08/09.

Treinei durante seis anos ambos os estilos, conseguindo diferenciar as técnicas e formas de execução dos movimentos, mas quanto aos significados e objetivos que eu atribuía a estes eram os mesmos. Durante este período pude constatar muitas vezes diferentes concepções, perspectivas e significados em relação ao que é o Wushu chamado “Moderno” e o que são os estilos ditos tradicionais de Wushu atribuídos pelos seus praticantes, diferentes formas de pensar que divergiam entre si e com minhas experiências.

A partir desta reflexão, e do fato de muitas pessoas conhecerem o Wushu apenas através de filmes, que desenvolvi esta pesquisa. O presente estudo tem o objetivo de articular os conceitos de ‘esporte’ e ‘esportivização’ no processo de desenvolvimento do Wushu e buscar elementos para compreender os significados atribuídos aos estilos “Moderno” e tradicionais por praticantes na cidade de Porto Alegre, através de um *olhar sócio-cultural*<sup>3</sup>.

Neste trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica utilizando trabalhos relacionados à busca pela compreensão do que é o esporte e o processo de esportivização, trabalhos relacionados à compreensão de esportes de luta através de um olhar sócio-cultural, e artigos e sites relacionados à história e o desenvolvimento do Wushu. Esta revisão foi realizada com o intuito de fornecer uma instrumentalização teórica necessária para direcionar a pesquisa na busca de elementos para a compreensão do que é o Wushu Moderno e Tradicional e o que eles significam para seus praticantes na cidade de Porto Alegre. O presente estudo utilizou entrevistas aplicadas a professores e alunos de Wushu para responder ao problema de pesquisa.

Este trabalho justifica-se por contribuir na recuperação e preservação das fontes documentais (impressas e orais), que são fundamentais para o desenvolvimento de estudos sócio-culturais (antropológicos) e históricos futuros direcionados para a compreensão da prática do Wushu e ampliação dos escassos estudos sobre os fenômenos sócio-culturais envolvendo esta prática no Brasil.

---

<sup>3</sup> Expressão utilizada para designar uma forma de compreender a realidade a partir de ferramentas teóricas multidisciplinares como a sociologia, antropologia, psicologia social e a filosofia na busca por um entendimento maior da realidade.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 ESPORTE

Este capítulo é dedicado a levantar algumas questões relacionadas com a discussão realizada no âmbito da sociologia do esporte na tentativa de explicar o que significa o fenômeno denominado esporte. A importância da compreensão do conceito de esporte neste trabalho consiste em fornecer instrumentos teóricos para discutir o que é o Wushu Moderno e o Tradicional como práticas corporais, que são apropriadas de diferentes formas e em diferentes contextos. Esta análise no estudo do Wushu como uma prática corporal de luta, se torna relevante devido ao fato dos conceitos de esporte e práticas corporais se sobreporem muitas vezes em relação aos significados atribuídos a estes e de tentar buscar elementos para a compreensão do Wushu nas suas diversas formas de manifestação. A intenção deste capítulo então é de evidenciar diferentes interpretações sociológicas e oferecer elementos para a compreensão do que é o esporte e entender a complexidade que envolve esta prática social.

De acordo com Stigger (2005) citando Reppold Filho (1997) as obras realizadas na tentativa de definir o que é o esporte foram pouco produtivas. A partir desta constatação, Stigger buscou elementos que servissem para a compreensão do esporte na sua diversidade no livro “Educação Física, Esporte e Diversidade”; deixando claro que utilizar conceitos ou definições previamente construídas com o objetivo de compreender fenômenos e realidades culturais pode ser um fator limitador no processo de investigação.

Na discussão acerca deste fenômeno existe um debate a partir de análises históricas na busca de compreendê-lo. Stigger (2005) cita Raymond Thomas (1991) que divide este debate em duas teses, elas são denominadas como a “tese da continuidade” e a “tese da ruptura”. A tese da continuidade defende que o esporte tem sua origem nos tempos mais remotos da civilização, tendo sofrido um processo de diversificação ao longo da história.

Dentre alguns autores mais proeminentes que defendem esta tese estão Guttmann (1978) e Mandell (1986). Os autores que defendem a tese da

continuidade denominam como esporte diversas práticas que se assemelham quanto a sua estrutura e dinâmica. Estes autores traçam um fio condutor entre os esportes da antiguidade e o esporte institucionalizado (ou moderno), pois identificam ambas como atividades que são vinculadas a algum tipo de competição, onde indivíduos ou grupos buscam objetivos em comum, utilizando-se de regras compartilhadas por todos, através das quais, ao final é possível identificar um indivíduo ou grupo como o vencedor. O esporte moderno ou institucionalizado é interpretado como uma nova forma de apropriação de uma prática já existente pela sociedade moderna, atribuindo-lhe os mesmos valores hegemônicos vigentes que a regem. Allen Guttmann (1978) procurou analisar o fenômeno esportivo a partir do esporte moderno, para classificar as diferentes manifestações do esporte ele levantou categorias de análise onde o esporte moderno se incluiria e o comparou com o esporte em diferentes contextos históricos; esporte primitivo, esporte grego, esporte romano e o esporte medieval. Stigger (2005) resume as sete categorias:

Secularismo: o esporte moderno é uma prática secular, ou seja, desvinculada de cerimônias ou festas religiosas, com as quais estavam relacionadas muitas outras atividades esportivas anteriores a ele;

Igualdade: no esporte moderno, todos os indivíduos (independentemente de classe social, idade, sexo, etc.) têm o direito de competir em igualdade de condições, sendo que muitos regulamentos são desenvolvidos para que isso seja garantido;

Especialização: o esporte moderno é marcado por uma lógica em que a especialização de papéis e o profissionalismo são inevitáveis, o que se relaciona com as funções dos jogadores, com as regras, com a divisão do trabalho e com a especialização de profissões a ele ligadas;

Racionalização: o esporte moderno é vinculado a uma racionalidade que estabelece relação entre meios e fins, o que se expressa na criação e evolução de regras bastante explícitas e capazes de garantir alguma previsibilidade às competições, assim como na criação de tecnologias (equipamentos, método de treinamento, etc.) que visam a alcançar determinados objetivos;

Organização burocrática: o esporte moderno é realizado dentro de um sistema de organização (com hierarquia, funções, etc.) de competições unificadas e universais, que permitem disputas em diversos níveis (local, nacional e internacional);

Quantificação: o esporte moderno, coerente com o *modus vivendi* da sociedade moderna, caracteriza-se por transformar todas as façanhas atléticas em algo que possa ser quantificado e medido (número de pontos ou golos, medidas de tempo e distância), sobre o que inúmeros exemplos poderiam ser citados;



Recorde: no esporte moderno aparece o recorde, uma combinação do impulso para a quantificação com o desejo de vitória, ligado à idéia de comparação e progresso (é possível haver a competição entre pessoas sem a necessidade de encontro em algum lugar ou tempo; a cada aperfeiçoamento pode haver outra acima) (STIGGER, 2005, p.56-57).

A seguir, o quadro elaborado por Guttmann (1978) evidenciando a presença ou não das características citadas anteriormente nos “diferentes esportes”:

	<i>Esportes Primitivos</i>	<i>Esportes Gregos</i>	<i>Esportes Romanos</i>	<i>Esportes Medievais</i>	<i>Esportes Modernos</i>
<b>Secularismo</b>	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim e Não	Sim
<b>Igualdade</b>	Não	Sim e Não	Sim e Não	Não	Sim
<b>Especialização</b>	Não	Sim	Sim	Não	Sim
<b>Racionalidade</b>	Não	Sim	Sim	Não	Sim
<b>Burocracia</b>	Não	Sim e Não	Sim	Não	Sim
<b>Quantificação</b>	Não	Não	Sim e Não	Não	Sim
<b>Recordes</b>	Não	Não	Não	Não	Sim

**Quadro 1:** As Características do Esporte em Épocas Variadas.

Fonte: GUTTMANN, 1978.

Guttmann (1978) faz uma afirmação que resume de certa forma sua interpretação em relação à evolução dos esportes e evidencia a resignificação que foi dada a estes: “Uma vez que os deuses sumiram do monte Olimpo ou do paraíso de Dante, não precisamos mais correr para saciá-los ou para salvarmos nossas almas, mas podemos estabelecer um novo recorde. É uma forma moderna e única de imortalidade” (GUTTMANN, 1978, p. 307).

A tese da ruptura defende que o esporte surgiu na Inglaterra no século XVIII dentro das escolas inglesas freqüentadas pelos filhos da elite burguesa da época. A partir de um processo de institucionalização e padronização das regras houve uma diferenciação dos jogos ou passatempos populares, esta diferenciação ocorrida nos jogos das escolas inglesas foi então denominada como um “processo de esportivização” (ELIAS; DUNNING, 1992).

Elias e Dunning (1992), em sua obra “A Busca da Excitação” mostram que o esporte surgiu nas escolas inglesas inicialmente com o objetivo de canalizar a energia e os impulsos agressivos dos estudantes. Stigger (2005) resume o contexto identificado por estes autores em que surgiria o esporte nesta tese da ruptura:

Ao estudar “a relação entre o desenvolvimento dos passatempos com características de esportes” (Elias & Dunning, 1992, p.49), os autores concluem que o esporte moderno é o resultado do processo de civilização ocorrido na Inglaterra do século XVIII, que tem como aspecto central o aumento das sensibilidades em relação à violência. Esse processo de transição de passatempos a esportes – ocorreu paralelamente à parlamentarização do Estado inglês, no qual a aversão à violência explícita e concreta se refletiu nos hábitos sociais dos indivíduos, sendo substituída pela violência simbólica: da mesma forma que a arte da guerra era substituída pela retórica e negociação, os passatempos recebiam regulamentações que visavam a controlar a violência. Violência esta que, além de ser controlada pelo poder de Estado (o único que poderia utilizá-la), passou a ser controlada de forma autocoercitiva, uma vez que os indivíduos aprendiam a dominar as suas próprias emoções (STIGGER, 2005, p. 65).

Posteriormente o esporte passou a ter outros objetivos vinculados aos interesses desta mesma elite que Bourdieu (1983) identifica:

É isso que posteriormente constituiria uma “filosofia política do esporte”, que pressupõe: a idéia de atividade desinteressada como a arte, que, desvinculada de interesses materiais, se expressava na teoria do amadorismo; a concepção de uma prática capaz de desenvolver atitudes viris dos futuros líderes, inculcando-lhes a vontade de vencer; e a disposição cavalheiresca, como vontade de vencer segundo as regras, diferente da busca pela vitória a qualquer custo. Essas seriam as dimensões básicas de uma nova aprendizagem, que estão inseridas na expressão fair play: maneira de jogar daqueles que não se deixam dominar pelo jogo e conseguem manter o autocontrole, marca de “uma moral aristocrática elaborada por aristocratas” (BOURDIEU, 1983, apud STIGGER, 2005, p. 35).

Vemos nestas duas teses diferentes conceitos acerca do que seria o esporte, uma o definindo como competições físicas jogadas realizadas desde a antiguidade, e outra o definindo como competições físicas jogadas institucionalizadas através de associações, federações e confederações responsáveis pela padronização das regras e realizações de campeonatos estaduais, nacionais e internacionais. Estas definições foram construídas essencialmente através de uma análise histórica deste fenômeno, permitindo desta forma o surgimento de novas teses através de *investigações sócio-culturais*.

Estas investigações, diferentemente das anteriores, levaram em conta a cultura onde determinada prática esportiva se encontra inserida, seus praticantes e contextos em que a praticam. Muitos pesquisadores do campo da sociologia e da antropologia o têm compreendido como um fenômeno social heterogêneo, com muitos significados e valores diferentes atribuídos a uma mesma prática esportiva, institucionalizada ou não.

Estas diferentes formas de interpretar e fazer uso de uma prática esportiva é definido por Bourdieu (1990) como efeito de apropriação que afirma que os indivíduos participantes interpretarão e farão uso de um determinado esporte a partir de suas características sócio-culturais, ou seja, interpretarão o esporte a partir de sua cultura ou meio social no qual estão inseridos.

Vicenzo Padiglione (1995) defende que os esportes são constituídos, em relação às manifestações deste fenômeno, em sua grande maioria por uma diversidade de formas de concebê-lo, de diferentes formas de interpretá-lo e fazer uso deste – contra uma minoria constituída pelos esportes de alto rendimento que se caracterizam por uma homogeneidade nas suas formas de manifestações (campeonatos regionais, nacionais e internacionais). Os esportes de alto rendimento são encontrados por todo o mundo, mas praticados apenas por uma pequena elite de atletas, e são norteados pela lógica do espetáculo e do consumo dependentes de um público espectador.

Padiglione (1995) também faz referência aos esportes californianos (surf, parapente, skate), as provas de resistência (Iron Men, trekking) e as artes marciais, onde também se encontra a busca pela excelência, como exemplos de esportes que ocorrem longe do clamor do público e dos olhos da televisão, e que, portanto não seguiriam a mesma lógica do futebol, do basquete, etc. Estes “novos esportes” evidenciam a pluralidade inerente ao fenômeno esportivo – são institucionalizados, organizam campeonatos a nível mundial com regras padronizadas, mas nem sempre o que se busca é a superação do adversário, e sim a superação dos perigos que a natureza oferece ou a superação das próprias dificuldades e limites do atleta. Padiglione (1995) resume a pluralidade e a diversidade que se pode encontrar no ou através do esporte nesta frase: “Um esporte, se bem estruturado por regras, valores e cenários simbólicos, pode sempre ser manipulado de maneira lúdica e consciente

por parte de grupos sociais e realidades locais” (PADIGLIONE,1995, p. 32), demonstrando que este fenômeno não pode ser entendido de forma limitada na teoria, enquanto que na realidade este se apresenta de forma ilimitada.

Elias (1992) fala de dois significados que o termo esporte pode assumir e faz uma comparação ao termo indústria:

O termo “esporte” é utilizado no presente de maneira bastante vaga, de forma a abranger confrontos de jogos de numerosos gêneros. Como o termo indústria, é utilizado tanto num sentido lato como num sentido restrito. No sentido lato refere-se, também como o termo “indústria”, tanto a atividades específicas de sociedades tribais pré-estado e de sociedades-estado pré-industriais, como às atividades correspondentes dos Estados-nações industriais (ELIAS, 1992, pág. 191-192).

Verifica-se, portanto, que o termo esporte é utilizado tanto num sentido lato referindo-se a jogos e exercícios físicos como num sentido restrito referindo-se ao esporte moderno ou institucionalizado de alto rendimento. A partir desta análise e do que observei no campo de pesquisa, posso resumir que existem basicamente três categorias para classificar as atividades físicas ou jogos que exijam alguma habilidade física; as práticas corporais onde não ocorrem competições ou comparações de resultados, os esportes amadores onde ocorrem competições sem a profissionalização dos atletas ou a busca pela vitória como principal fator “motivacional” e o esporte moderno onde ocorre a profissionalização dos atletas e o que se busca é a excelência esportiva na busca pela vitória, pela melhor colocação num ranking ou Recorde.

Muitas práticas corporais, principalmente após a industrialização, se tornaram esportes ou assumiram códigos próprios deste fenômeno. No Dicionário crítico de Educação Física, González (2005) define o que é esportivização: “Ato ou efeito de converter ou transformar uma prática corporal em esporte ou uma prática social em assumir os códigos próprios desse fenômeno.” Ainda no sentido de compreender o que seria o processo de esportivização, González (2005) apresenta algumas características que num sentido restrito, definem esporte como uma prática motora / corporal:

a) orientada a comparar um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos; b) regida por um conjunto de regras que procuram dar aos adversários iguais condições de oportunidade para vencer a contenda e,

dessa forma, manter a incerteza do resultado, e c) com essas regras institucionalizadas por organizações que assumem (exigem) a responsabilidade de definir e homogeneizar as normas de disputa e promover o desenvolvimento da modalidade, com o intuito de comparar o desempenho entre diferentes atores esportivos (por exemplo, a nível mundial) (GONZÁLEZ, 2005, pág. 170).

A partir desta definição, González (2005) apresenta diferentes sentidos encontrados na literatura do campo da Educação física para o termo 'esportivização'. Dos quais se podem identificar dois principais sentidos. Um no sentido de quando uma prática motora / corporal não competitiva assume as características do esporte, e outra quando um esporte amador assume as características dos esportes modernos, institucionalizado pautado pelo rendimento e voltado ao espetáculo.

## 2.2 ESPORTES DE LUTA

Os esportes de luta ou as práticas corporais de luta têm sido alvo de pesquisadores do esporte, pode-se encontrar muitos estudos relacionados a questão da violência nestes desportos, a questão da mídia, da esportivização, entre outros aspectos dentro do campo da pesquisa sócio-antropológica. Neste capítulo eu vou falar sobre três trabalhos que apresentaram elementos que ajudarão na compreensão e na resolução do meu problema de pesquisa. O primeiro trabalho é sobre o Taekwondo; "O Processo de Esportivização do Taekwondo" (RIOS, 2005), o segundo é relacionado a Capoeira no Brasil; "Capoeira: de arte negra a esporte branco"(FRIGERIO, 1989), e o terceiro trabalho é uma etnografia realizada numa academia de Boxe; "Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de Boxe"(WACQUANT, 2002). Este último trabalho, apesar de não ter uma relação direta com meu problema de pesquisa, se constitui numa densa pesquisa etnográfica que consegue absorver e transcrever aspectos de todo um universo que compreende a prática do Boxe, evidenciando peculiaridades e características implícitas desta prática, e que podem ser encontradas de maneira homóloga em outras práticas corporais de luta.

No trabalho "Esportivização do Taekwondo", Rios (2005) busca compreender o processo que levou a prática corporal de luta desenvolvida na Coreia, chamada de

“Taekwondo” (Caminho dos pés e das mãos)<sup>4</sup>. A descrição do início desta prática começa citando que após a Segunda Guerra da Rússia contra a Aliança Coréia-Japão teve o fim da clandestinidade das lutas na Coréia, e várias escolas de artes marciais foram criadas e duelos contra praticantes do Karatê (japonês) eram travados (KIM; SILVA, 2000, apud RIOS 2005). Em 1966 havia duas entidades responsáveis pelo desenvolvimento do Taekwondo no país: a International Taekwondo Federation (ITF) e a Associação Coreana de Taekwondo, de acordo com Philip Liechty, ex-membro da CIA, citado por Simoson Jennings (1992, apud RIOS, 2005), as escolas de Taekwondo eram utilizadas como base para operações militares e cobertura de agentes estrangeiros. Rios (2005) cita o que o General Choi Hong Hi, responsável pela ITF, escreveu sobre a sua decisão de levar a sede da Federação para fora da Coréia:

Deveria ser notado que a ITF não poderia permitir que o Taekwondo fosse usado como instrumento da opressão do regime ditatorial sul coreano, nem poderia a ITF esperar envolvimento sob um regime fascista. Por esta razão, a ITF em 1972 mudou seu quartel general para Toronto – Canadá, que também serviu para aumentar suas atividades pela permissão que a ITF teve através da vantagem geográfica de sua nova localização (HI, s.d., apud RIOS, 2005).

Com a saída da ITF da Coréia, fundou-se a World Taekwondo Federation (WTF) como entidade responsável pelo Taekwondo como esporte, com reconhecimento internacional (KIM; SILVA, 2000, apud RIOS, 2005). A regulamentação da prática do Taekwondo passou por um processo conturbado, pois passaram a existir duas entidades responsáveis pelo desenvolvimento do Taekwondo; a ITF com sede no Canadá e a WTF na Coréia. De acordo com Rios (2005) ambos tinham o intuito de divulgar o Taekwondo como esporte evidenciando os fatores que contribuíram para que isso ocorresse:

O fato de ser disseminado no ocidente parece ter contribuído para o processo de transição: “arte marcial para esporte”. Pois, uma vez que entrou em contato com a razão e o modo de vida do ocidente, o Taekwondo foi cercado de uma série de influências (lazer, violência nas cidades, ritmo de vida, treinamento esportivo, marketing, mídia, lucro, etc.) das quais não pôde se manter livre (MARTA, 2000, p. 687, apud RIOS, 2005, p. 40).

---

<sup>4</sup> Informação obtida no site oficial da Confederação Brasileira de Taekwondo; [www.cbtkd.com.br](http://www.cbtkd.com.br). Acesso em: 09/11/09).

Outro aspecto que teria influenciado neste processo, seria que professores com o intuito de ensinar o Taekwondo como uma “arte marcial” acabaram encontrando dificuldades, pois entravam em desacordo com os princípios do esporte moderno: “competição, rendimento físico-técnico, Record, racionalização e cientificação do treinamento” (BRACHT, 1997, p.10, apud RIOS, 2005). Ainda no sentido de compreender este processo de esportivização do Taekwondo, e as dificuldades em mantê-lo como um elemento cultural da Coreia, e, portanto permeado por significados e valores próprios, traz uma citação que evidencia uma luta existente pela legitimização e formação de uma representação hegemônica e homogênea de uma prática corporal:

Estes e outros aspectos (aspectos da relação entre o esporte de rendimento e o esporte enquanto atividade física de lazer) demonstram que a diferenciação destas duas manifestações em direção a uma possível autonomia encontra sérias dificuldades. Mesmo porque, as organizações esportivas que dominam o esporte espetáculo, buscam incorporar/encapar as formas alternativas de prática esportiva que surgem para não perder o poder de determinar as formas legítimas de sua prática, daí porque também, as formas alternativas de práticas corporais logo sofrem pressão no sentido de sua esportivização (BRACHT, 1997, p. 14-15, apud RIOS, 2005, p. 42).

Então a prática do Taekwondo teria sofrido influências no sentido de buscar uma legitimização da sua prática, a partir de disputas de poder e através da sua divulgação como esporte desde 1973 com a fundação da World Taekwondo Federation (WTF), sendo posteriormente reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). E logo em 1988, com a realização dos Jogos Olímpicos em Seul na Coreia do Sul, o Taekwondo é inserido como modalidade Olímpica (RIOS, 2005).

A partir da inserção do Taekwondo nos Jogos Olímpicos, as competições no Brasil vieram sofrendo mudanças no sentido de atender as exigências do Comitê Olímpico Internacional, acentuando a preocupação em igualar as chances dos competidores e oferecer uma maior segurança – como, por exemplo; nas primeiras competições no Brasil só havia um protetor para o tronco acarretando num índice alto de lesões, atualmente além do protetor para o tronco ainda são utilizadas proteções para a tíbia, antebraço, bucal, genital e cabeça (RIOS, 2005). Outra transformação que ocorreu neste período é em relação à formação dos professores,

que se voltou mais para os aspectos esportivos perdendo alguns elementos do treinamento marcial, como Rios (2005) traz nesta citação:

Percebemos que a exigência do exame para faixa preta<sup>5</sup> diminuiu, eliminando elementos que necessitavam de uma resistência física muito forte, como o quebramento [kyopa]. Elementos esses que foram se perdendo com a esportivização. Mas para que O Taekwondo esporte se popularizasse, ele deveria ser acessível a qualquer um que quisesse praticá-lo, mesmo se a pessoa não tivesse tempo, ou certa dedicação para apreendê-lo (RIOS, 2005, p. 49).

Segundo Rios (2005) o processo de esportivização do Taekwondo acelerou a partir da filiação da Confederação Brasileira de Taekwondo (CBTKD) ao Comitê Olímpico Brasileiro (COB), direcionado a prática do Taekwondo para a realização de competições descaracterizando este enquanto arte marcial detentora de saberes, sentidos e significados próprios.

Em relação ao processo de esportivização da Capoeira, pesquisado por Frigerio (1989), este ocorreu através de uma esportivização diferenciada quanto ao seu significado em relação ao processo do Taekwondo, mencionado anteriormente.

A capoeira é chamada de “o esporte brasileiro” ou “a arte marcial brasileira”, no entanto ela se constitui num fenômeno mais complexo que foge as estas definições, a capoeira é uma rica expressão artística que envolve aspectos da dança, da luta, de um jogo, músicas, rituais e mímicas (FRIGERIO, 1989). A Capoeira se divide em duas formas de serem praticadas atualmente no Brasil, a Capoeira de Angola e a Capoeira Regional, sendo a primeira a origem da segunda. De acordo com Frigerio (1989) se referindo a capoeira de Angola, a define:

A capoeira é, insistimos, uma forma artística complexa, um jogo-luta, uma dança-teatro, fruto da criação coletiva de um grupo social determinado – no caso, as camadas populares negras do Brasil. Como tal, deve refletir as características mais gerais do grupo do qual surge. Isto se vê claramente na ênfase que se dá, na Capoeira, à malícia, à picardia (FRIGERIO, 1989, p. 5).

A Capoeira Regional foi criada, adaptada e resignificada a partir da capoeira de Angola por um professor de capoeira conhecido como Mestre Bimba, esta variante surgiu com o intuito de transformar a capoeira numa prática legitimada e

---

<sup>5</sup> As graduações no sistema de ensino do Taekwondo são simbolizadas pelas cores das faixas que contém no uniforme do praticante, a faixa preta simboliza a última graduação na formação do aluno.



integrada a sociedade adquirindo características aceitas pelas classes dominantes (FRIGERIO, 1989). A capoeira de Angola era praticada principalmente por pessoas com baixo poder aquisitivo e pela maioria afro-descendentes, sendo considerada uma prática marginalizada pelas classes dominantes (FRIGERIO, 1989). Fora deste contexto a Capoeira Regional surge a partir de outra lógica, buscando transformar a capoeira num esporte de luta, mestre Bimba combinou movimentos e golpes de outras lutas, criou uma movimentação mais dinâmica, desenvolveu uma metodologia de ensino e selecionou as pessoas que poderiam ser seus alunos (FRIGERIO, 1989); “uma das medidas adotadas (...) foi a de aceitar apenas alunos que tivessem carteira profissional assinada, ou que fossem estudantes ou tivessem alguma outra ocupação reconhecida (...)” (AREIAS, 1983, p. 69, apud FRIGERIO, 1989, p. 6).

A partir daí a capoeira começa a se desenvolver dentro de um novo contexto e passa a ganhar uma aceitação maior pela sociedade, deixando de ser uma prática marginalizada para ser uma manifestação cultural do povo baiano (FRIGERIO, 1989). Outro fator relevante para a descaracterização da Capoeira foi os incentivos dados pelo órgão municipal de turismo da Bahia, que organizavam frequentemente programas com apresentações de Capoeira, então as academias passaram a disputar por este espaço, acrescentando outros elementos como; o samba de roda, pilhérias e acrobacias com a finalidade de torná-las mais atraentes aos turistas (FRIGERIO, 1989).

Na década de 60, muitos mestres migraram da Bahia para as outras regiões do Brasil, com isso a capoeira se distanciou ainda mais de suas características enquanto um elemento cultural folclórico baiano, e então passou a ser influenciada por uma nova concepção de sua prática:

Começa então a ganhar popularidade a idéia de que, devidamente regulamentada, a Capoeira poderia ganhar um lugar junto às artes marciais orientais, já aceitas pela sociedade brasileira. Passaria, assim, a ser “a arte marcial brasileira”, uma luta esportiva com competições regulamentadas (FRIGERIO, 1989).

No fim da década de 60 surgem os primeiros campeonatos e tentativas de regulamentação da capoeira, e em 1972 a Capoeira é declarada “esporte” pelo Conselho Nacional de Desportos, e sua prática é regulamentada oficialmente pela Confederação Brasileira de Pugilismo (FRIGERIO, 1989). A “nova Capoeira” se

desenvolve através de uma nova concepção, adotando diferentes características que Frigerio (1989) destaca quatro principais aspectos; (1) Uma crescente burocratização: surgimento de associações, federações, uma regulamentação para a realização de competições, e critérios para graduação de Mestres; (2) A incorporação de elementos das artes marciais: adoção de um uniforme branco, a prática de pés descalços, o uso de cordões com cores para classificar diferentes etapas, atitude séria e marcial durante os treinos, a saudação ritual, acréscimo de golpes oriundos de outras lutas e aprimoramento técnico; (3) Uma cooptação ideológica e política da arte pelo sistema: uma prática cultural folclórica pertencente a afro-descendentes e contra a cultura dominante se transforma numa prática vista como educativa, cívica, e saudável. Sendo interpretada como uma prática que “além de diversão, relax para quem a pratica, ajuda a desenvolver o poder da vontade, a cultivar a cortesia, e patrocina a moderação da linguagem, coopera com a formação do caráter (...)” (SENNA, 1980, p. 13, apud FRIGERIO, 1989, p. 8); (4) Concepções evolucionistas subjacentes: uma substituição do conhecimento popular pelo conhecimento científico, através da formação de Mestres de Capoeira graduados em Educação Física.

No trabalho sobre o Boxe: “Corpo e Alma: Notas etnográficas de um aprendiz de Boxe”, Wacquant (2002) apresenta alguns aspectos da extensa etnografia realizada numa academia de Boxe inserida numa realidade do gueto norte-americano. Inicialmente Wacquant se empreendera em realizar um estudo para compreender a realidade cotidiana do gueto norte-americano, que de acordo com ele parecia-lhe que era representada de forma crítica e limitada pelas classes dominantes:

E porque a sociologia normal das relações entre classes, castas e Estado na metrópole norte-americana parecia-me estar formigando de falsos conceitos que lançam um tela sobre a realidade do gueto que projeta o senso comum racial (e racista) da sociedade nacional, a começar pelo conceito de *underclass*, neologismo bastardo que permite comodamente evacuar a dominação branca e a imperícia das autoridades do front social urbano, focalizando a atenção sobre a ecologia dos bairros pobres e o comportamento “anti-social” de seus habitantes (WACQUANT, 2002, p. 13).

Após meses procurando por algum lugar onde pudesse se inserir, e desta forma mergulhar no seu objeto de pesquisa a fim de compreender todo o seu

universo no qual se insere seus valores e representações – Wacquant foi levado a uma academia de boxe por um amigo. No entanto, para se inserir neste contexto foi necessário que ele empreendesse na prática do boxe a fim de estabelecer relações de respeito e de confiança mútuos com os membros da academia, para então realizar seu trabalho sobre o gueto. De acordo com ele, depois de algum tempo inserido neste universo:

(...) consegui melhorar minha condição física, enrijecer minha condição mental, adquirir os gestos e embeber-me da tática do pugilista (WACQUANT, 2002, p. 14).

Através deste relato percebe-se que ele consegue ser “absorvido” pelo universo ao qual se inseriu, não atribuindo novos significados a prática do Boxe, mas sim incorporando aspectos sutis (gestos) e as representações que se colocavam naquele espaço. Desta forma ele conclui o que é tornar-se um boxeador:

Enfim, tornar-se boxeador é apropriar-se, por impregnação progressiva, de um conjunto de mecanismos corporais e de esquemas mentais tão estreitamente imbricados que eles apagam a distinção entre o físico e o espiritual, entre o que emerge das capacidades atléticas e o que diz respeito às faculdades morais e à vontade. O boxeador é uma *engrenagem viva* de corpo e de espírito que despreza a fronteira entre razão e paixão, que explode a posição entre a ação e a representação, e que, ao fazer isso, oferece uma superação, em ato, da antinomia entre o individual e o coletivo (WACQUANT, 2002, p. 34).

Nesta definição apresentada por Wacquant (2002), praticar o Boxe, neste contexto, não envolve apenas os aspectos físicos e técnicos de seus praticantes, mas também toda uma forma de pensar e agir pertencente a este grupo. Existe aí, um ambiente que permite uma interação entre os indivíduos, onde a troca de informações não ocorre somente nos aspectos gestuais da prática, mas também nos aspectos representativos que a envolvem e são transmitidas de forma “oculta” no espaço desta academia. Wacquant (2002) evidencia como esta transmissão de valores e representações se dava:

Não é prudente subestimar a importância dessas conversas de aparência anódina. Elas são, de fato, um ingrediente essencial do “currículo oculto” do gym: elas comunicam aos aprendizes de boxe, de uma forma oral e osmótica, o saber indígena da profissão. Sob a forma de relatos mais ou menos apócrifos, de fofocas da academia, de anedotas de combate e de

lendas da rua, elas inundam esses aprendizes de valores e categorias de entendimento em vigor no universo pugilístico(...) (WACQUANT, 2002, p. 58).

Desta forma, o profissional responsável pelo treinamento ou técnico da academia de Boxe estabelece estreitas relações com seus alunos, pois estes têm nele uma referência para compreender não somente o que envolve os aspectos técnicos da prática do Boxe, mas para compreenderem todos os outros aspectos que se situam fora do contexto da prática. Em relação ao treinador, chamado DeeDee, responsável pela prática do Boxe na academia estudada, Wacquant comenta:

Como a maioria dos treinadores, sobretudo os da “velha escola”, DeeDee mantém relações complexas e ambíguas com seus pupilos, para os quais ele é, ao mesmo tempo, treinador, mentor, guardião, conselheiro sentimental e confidente, e que devotam a ele um respeito filial que ultrapassa de longe a admiração profissional (WACQUANT, 2002, p. 130).

Ainda evidenciando características que definem seu treinador como pertencente a uma “velha escola”, portanto vinculada a antigas metodologias de ensino, apresenta que existe uma “antipatia” em relação aos novos métodos de treinamento, e às complexas burocracias compostas de uma multiplicidade de profissionais especializados no suporte para o atleta do Boxe. Deste modo, Wacquant interpreta esta posição como um princípio ético, que evidencia outra forma de se relacionar com o corpo e com o esporte, como uma “outra era do Boxe” que ainda sobrevive. Em relação ao *gym* (como é chamada a academia), pode se concluir no que ela representaria através de uma exemplificação relacionada ao significado que este local teria para seus praticantes:

A Nobre Arte apresenta, nesse sentido, o paradoxo de um esporte ultra-individual, cuja aprendizagem é totalmente coletiva. E pode-se chegar a ponto de afirmar, parafraseando Émile Durkheim, que o *gym* está para o boxe assim como a Igreja está para a religião: a “comunidade moral”, o “sistema solidário de crenças e práticas” que a torna possível e que a constitui enquanto tal (WACQUANT, 2002, p. 120).

## 2.3 WUSHU / KUNG FU

Este sub-capítulo é destinado a buscar entender os termos “Wushu” e “Kung Fu”, que são utilizados atualmente para designar as artes marciais chinesas. No campo da pesquisa é possível notar que estes termos são utilizados para designar diferentes formas de praticar as artes marciais chinesas, o termo “Kung Fu” muitas vezes é empregado para designar os estilos ditos tradicionais de Wushu, e o termo “Wushu” é utilizado para designar o estilo de Wushu chamado de moderno. É importante salientar que a expressão “Wushu Tradicional” é empregada mundialmente para se referir as artes marciais chinesas como um todo, com a exceção do Wushu Moderno, no entanto o Wushu dito tradicional, a partir do final do século XIX, começou a sofrer influências dos métodos ocidentais de ginástica (THEBOOM; DE KNOP, 1997).

As artes marciais chinesas ficaram conhecidas popularmente no ocidente através da terminologia “Kung Fu”, que na China se traduz literal e simplificada como “habilidade”. A expressão “Wushu” é a palavra em mandarim que significa literalmente artes marciais <sup>6</sup>. O Wushu é um esporte tradicional chinês que consiste em movimentos de luta, ele pode ser dividido basicamente em dois aspectos relacionados ao seu treinamento; o Taolu (rotina de exercícios) e o Sanshou (Luta)<sup>7</sup>. O Tao Lu consiste em movimentos coreografados que simulam uma luta, onde o indivíduo realiza as técnicas de luta numa seqüência, os Tao Lu’s se diferenciam conforme cada estilo ou escola de Wushu, podendo ser realizado com ou sem armas, individualmente, ou em entre duas ou mais pessoas simulando uma luta. Já o Sanshou consiste no treinamento para uma luta real, ou na luta propriamente dita. Em algumas regiões do sul da China o Wushu é referido muitas vezes pelo termo “Kung Fu”, essa associação ocorre devido ao rigoroso treinamento que consiste em sua prática, por outro lado, o termo Wushu significa literalmente “arte da guerra”, portanto consistindo numa terminologia mais apropriada (THEBOOM; DE KNOP, 1997). Os comunistas investiram no desencorajamento do

---

<sup>6</sup> Informações retiradas do artigo “Kung Fu – A História do Wushu Moderno”, publicado no Jornal de Artes Marciais Chinesas e no site [www.martialarts.com](http://www.martialarts.com). Traduzido por Mariana Nascimbem Blaser e postado no site [www.portaldekungfu.com](http://www.portaldekungfu.com), acessado em 16/08/09.

<sup>7</sup> Idem ao número 6.

uso do termo “Kung Fu”, uma vez que esse termo se associava aos métodos tradicionais de treinamento, que possuíam exercícios de condicionamento para braços e pernas considerados insalubres (STAPLES; CHAN, 1976, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997).

De acordo com os autores referidos anteriormente, pode se perceber que o termo “Kung Fu” não é o mais correto para designar as artes marciais chinesas. No entanto, a utilização deste termo para se referir aos estilos tradicionais de Wushu não pode ser considerado totalmente errôneo, uma vez que esta expressão também é utilizada em algumas regiões do sul da China, e de certo modo ainda remete ao árduo treinamento relacionado a prática do Wushu, por significar “habilidade ou *trabalho*” (grifo meu). Em outras referências também pode se encontrar outros significados para o termo “Kung Fu” como “trabalho árduo”, “maestria” ou ainda “habilidade adquirida através de um longo período de treino”. O termo “Wushu”, por ser considerada a expressão mais correta a ser utilizada, é a expressão que utilizei neste trabalho.

### 2.3.1 Wushu tradicional

Neste trabalho utilizarei a expressão “Wushu Tradicional” para me referir a todos os estilos de Wushu que não são vinculados ao Wushu Moderno desportivo, por ser esta terminologia, a utilizada mundialmente pelos praticantes das artes marciais chinesas. Neste capítulo busco entender o surgimento das artes marciais chinesas, suas diferentes formas de serem praticadas e o seu desenvolvimento até o surgimento do Wushu desportivo, chamado “Wushu Moderno”.

Muitos autores consideram que as artes marciais desenvolvidas na região onde se localiza a China (denominadas de Wushu, em mandarim) como sendo as bases e a mais abrangente forma de artes marciais asiáticas, de onde teria se originado outras lutas como o Judô, Karatê, Aikido, Taekwondo, Pencak Silat, entre outros (DRAEGER; SMITH, 1975; FUNAKOSHI, 1973, GUAN, 1992; WILLIAMS, 1975; WINDERBAUM, 1997, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). Os sistemas de artes marciais chinesas se desenvolveram de diversas formas, assumindo diferentes

características, tanto nos aspectos técnicos como nos seus significados e finalidades da prática. Na China pode se encontrar mais de mil variações ou “escolas” de Wushu entre os diversos grupos étnicos que constituem o território chinês (WANG, 1990, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997).

Os primeiros sinais de cultura física na China teriam surgido há cerca de 500.000 anos, muitos dos esportes e passatempos chineses de hoje parecem ter sido originados a cerca de 3000 a 4000 anos atrás (GU, 1990, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). Os primeiros registros sobre o Wushu foram encontrados em ossos e cascos de tartarugas na Dinastia Shang (1600-1066 a.C.) (LI; DU, 1991, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997), porém os registros históricos chineses menciona o Wushu como já existente no ano 2674 a.C., mas acredita-se que sistemas de luta já haviam se desenvolvidos antes desta data (PARULSKI, 1984).

A China também era conhecida como “as terras do centro” ou “o império do meio”, por ficar localizada na região central da Ásia. Pelo fato do território Chinês se localizar numa região central, acredita-se que isso tenha influenciado o desenvolvimento do Wushu através de um passado militar turbulento na defesa e conquistas de territórios (THEBOOM; DE KNOP, 1997). Tradicionalmente o Wushu tem sido considerado mais do que uma atividade física, pois têm sido influenciados por antigos conceitos filosóficos e religiosos (GU, 1990, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). De acordo com os primeiros filósofos chineses, existe uma relação de semelhança “física” entre a natureza e os seres humanos, considerando benéfico seguir os ritmos da natureza se constituindo junto a ela uma unidade integrada e em equilíbrio (CHEN, 1986; LIU, 1988, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997).

O budismo e o Taoísmo são as duas principais religiões da China, e, por conseguinte influenciaram particularmente o surgimento de duas vertentes do Wushu (VOLTAR; KIM, 1979, 1984; DRAEGER; SMITH, 1975; HOLCOMBE, 1993; LIU, 1988; MIN, 1979; PIETER, 1987, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). As duas principais escolas de Wushu desenvolvidas inseridas nestes dois ramos religiosos são a escola do Mosteiro Budista Shaolin no Monte Songshan na Província de Henan e a escola Taoísta de Wudang na Montanha de Wudang na província de Hubei, considerada o berço do Taoísmo (YANG, nd, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997).

Estas duas escolas se diferenciam a partir das características dos treinamentos e técnicas marciais, os estilos de Wushu originados da escola Taoísta são denominadas como estilos moles ou internos, enquanto que os estilos originados da escola Budista são denominados estilos duros ou externos. Essas denominações se referem à ênfase no treinamento, nos estilos ditos externos o treinamento é focado no desenvolvimento dos músculos e tendões (Li), enquanto que os estilos ditos internos são focados no treinamento e desenvolvimento da energia interior (Chi, ou Qi) (FERNANDES, 2000). Nas escolas duras o princípio fundamental é o de combater a força pela força, enquanto que nas escolas moles o princípio fundamental não é o de responder diretamente a um ataque, mas sim o de usar a própria força do agressor contra ele (REID; CROUCHER, 2003). Os mestres das escolas externas descobriram, ao longo dos anos, que um ataque realizado em linha reta aumenta a sua força, e que o impulso para desferir um golpe aumenta se o corpo inteiro seguir o movimento de forma linear (REID; CROUCHER, 2003). Já os mestres das escolas internas constataram que a maneira mais eficaz de se defender e atacar é mover os membros e o corpo inteiro em movimentos circulares (REID; CROUCHER, 2003). Estilos de artes marciais chinesas como o Hsing-I, Pa-Kuá e o Tai Chi Chuan, e japonesas como o Judô e o Aikidô se baseiam no princípio da circularidade das escolas internas (REID; CROUCHER, 2003). Reid e Croucher (2003) afirmam ainda que nas artes marciais chineses, movimentos e técnicas de luta teriam sido criados a partir da observação dos animais, que teriam influenciados tanto as técnicas duras quanto as suaves.

O camaleão senta-se camuflado e imóvel; então, num átimo, sua língua lança-se à frente e um inseto é capturado. As serpentes movem-se num ritmo constante, enrodilham-se, balançam para cá e para lá e de repente dão o bote. O momento do bote não é previsto pela presa. Tanto o camaleão quanto a serpente permanecem plenamente alertas, mas sem tensão nenhuma, e parecem sentir qual será o próximo movimento da presa. (REID; CROUCHER, 2003, pág. 75)

Theboom e De Knop (1997) citam Wu (1992) que evidencia funções que eram atribuídas a prática do Wushu inserido nos contextos religiosos mencionados anteriormente: cultivo da moral; auto-defesa; efeitos curativos e reabilitação de doenças crônicas; melhoria da saúde; desenvolvimentos de habilidades artísticas e



desenvolvimento intelectual. O treinamento marcial também era considerado um meio de cultivar a espiritualidade (REID; CROUCHER, 2003, CANIC, 1986, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). O Wushu do templo Shaolin teria se desenvolvido a partir de um conjunto de exercícios que um monge indiano chamado Bodhidharma teria ensinado aos monges com o objetivo de melhorar e preservar a saúde destes, no entanto não há nenhum registro fiel deste fato (LI; DU, 1991, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). Este monge também teria ensinado uma nova forma de Budismo caracterizado por longos períodos de meditação, que teria fundamentado a nova escola de Filosofia Budista chamada de “Chan” na China e “Zen” no Japão (REID; CROUCHER, 2003).

O Wushu teria se desenvolvido inserido no mosteiro Budista por uma necessidade dos monges terem que se defender de bandidos (XING, 1985, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). Outro fator que pode ter influenciado neste processo, se dá pelo fato deste local ter sido considerado ideal para militares derrotados se refugiarem, oportunizando uma troca de informações e experiências marciais, tornando o Wushu Shaolin, gradualmente, mais maduro e refinado (XING, 1985, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). Os monges Budistas passaram então a dedicar muito do seu tempo a desenvolver habilidades no Wushu, passando até a serem chamados de monges guerreiros, e por esta razão, muitas vezes o governo solicitou os monges para ajudarem em suas lutas contra inimigos (THEBOOM; DE KNOP, 1997). Em 1674, foi a última vez em que monges de Shaolin teriam ajudado um imperador contra ameaças externas. Ao final deste último combate, os monges rejeitaram os títulos e cargos militares, assim como em outras épocas, no entanto o Imperador julgou perigoso tolerar a existência de um centro de treinamento marcial tão extraordinário, e enviou um exército para sitiá-lo e incendiar o templo (REID; CROUCHER, 2003). Apesar deste ataque, muitos monges teriam sobrevivido, dispersando-se e se refugiando – dirigindo-se aos outros templos e mosteiros, dando aulas de Wushu para sobreviver ou até mesmo ingressando na Ópera de Pequim<sup>8</sup> (REID; CROUCHER, 2003)

---

<sup>8</sup> A Ópera de Pequim é uma forma de teatro chinês tradicional que combina música, performance vocal, mímica, dança e acrobacia. Ela surgiu nos anos finais do século XVIII e tornou-se plenamente desenvolvida e reconhecida em meados do século XIX.

Na China, dentro da escola dura de artes marciais existem dois diferentes sistemas conhecidos como o Shaolin do Norte e o Shaolin do Sul, esta distinção pode significar a existência de duas tradições distintas originadas do Templo Shaolin de Songsham, mas os chineses relacionam a distinção entre estas duas formas de Wushu à geografia do país (REID; CROUCHER, 2003). De acordo com alguns autores pelo fato da região do norte da China apresentar uma geografia constituída por montanhas isto teria influenciado no desenvolvimento de pernas mais fortes de seus habitantes, portanto acabavam por usar seus membros inferiores como principal forma de se defenderem (FERNANDES, 2000; PARULSKI, 1984; REID; CROUCHER, 2003)<sup>9</sup>. A região do norte da China também apresenta um clima mais frio, o que também poderia ter influenciado para o maior desenvolvimento das técnicas de pernas, pois o excesso de casacos poderia impedir a mobilidade dos braços. Já em relação a região sul da China, de acordo com os mesmos autores, o terreno é cortado por uma rede de rios, com muitos charcos, plantações de arroz e terrenos permeáveis, formando um solo menos firme – isto teria influenciado no desenvolvimento de braços fortes, por terem que se deslocar muitas vezes remando, e no maior desenvolvimento de técnicas de luta com as mãos por ficarem impossibilitados de usar as pernas estando num barco ou com os pés afundados na lama (FERNANDES, 2000; PARULSKI, 1984; REID; CROUCHER, 2003)<sup>10</sup>.

Na Dinastia Tang (618-907 d.C.) havia uma política de conquistas que aumentou a procura pelos melhores guerreiros para recrutamento, então por todo o reino era realizado encontros onde lutadores se enfrentavam sobre uma plataforma, sem regras ou limite de tempo (FERNANDES, 2000). A vitória podia ser obtida por nocaute, desistência ou queda da plataforma, não havia protetores corporais e os competidores tinham de assinar um termo de responsabilidade sobre suas vidas antes do combate (FERNANDES, 2000).

Com a introdução das armas de fogo nas batalhas no final da Dinastia Song (960-1279 d.C.) a importância militar do Wushu diminuiu, no entanto continuou popular entre os militares fazendo parte da formação e desenvolvimento da saúde

---

<sup>9</sup> A influência da geografia na caracterização e desenvolvimento de práticas corporais não possui respaldo na teoria relacionada a cultura, portanto não pode se considerar as características geográficas como determinantes na diferenciação entre o que é chamado de Wushu Shaolin do Norte e do Sul.

<sup>10</sup> Idem ao número 9.

nos regimes militares (THEBOOM; DE KNOP, 1997). O Wushu também foi preservado através da sua inclusão em programas de educação física no sistema escolar público (GU, 1990, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). Entre os civis o Wushu também se manteve como uma forma de aprender defesa-pessoal, e como uma forma de entretenimento folclórico através de festivais (HOLCOMBE, 1992, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). De acordo com Parulski (1984) era comum um mestre de Wushu de determinado estilo ou escola vagar de vilarejo em vilarejo, testando suas habilidades, fazendo demonstrações públicas para atrair novos praticantes e até mesmo desafiando outros mestres em duelos mortais.

Foi nessa época, a partir da crescente popularidade do Wushu entre os civis que floresceram inúmeros estilos e escolas (THEBOOM; DE KNOP, 1997). A maioria das formas e estilos de Wushu praticadas atualmente surgiu durante as Dinastias Ming e Qing (1368-1911) (GU, 1990; HUAN, nd; apud THEBOOM; DE KNOP, 1997).

Huo Yanjia (1869-1910), mestre do estilo “Mizongquan”(Boxe do Labirinto), criou em março de 1909 o instituto “Jing Wu Ti Wu Hui”, em Shangai, tomando como exemplo um modelo estrangeiro de organização; a Escola Militar de Joinville (fundada em 15 de julho de 1852 pelo imperador francês Napoleão III) (FERNANDES, 2000). O filme “O Mestre das Armas” (Huo Yuan Jia, 2006), retrata a história deste mestre em meio à invasão cultural dos países do ocidente, no filme aparece as tradicionais lutas sobre plataformas onde os lutadores participam mediante assinatura do termo de consentimento e os desafios organizados entre lutadores ocidentais e chineses. Estes desafios foram organizados durante a década de 1920 com a finalidade de mostrar a força da China para o Mundo (DRAEGER; SMITH, 1975, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). No filme também aparece elementos da filosofia chinesa, como a observação da natureza para viver em equilíbrio e harmonia com ela, com a sociedade e consigo mesmo, ao final do filme o mestre Huo Yuan Jia inaugura sua escola de Wushu. Neste recente filme, ao contrário de filmes anteriores relacionados às artes marciais chinesas, já se utiliza o termo “Wushu” ao invés de “Kung Fu”.

Em 1927, foi criado o Instituto “Zhong Yang Guoshu Guan” em Nankin por um grupo de especialistas em Wushu, liderado por Zhang Zhi Jiang (1882-1963), estes dois institutos evidenciam a entrada das artes marciais chinesas na era moderna

(FERNANDES, 2000). Fernandes (2000) nos traz que métodos novos de ensino desencadearam numa classificação de técnicas, para um aprendizado gradual, e uma padronização das técnicas para uma melhor difusão, substituindo o ensino mestre a discípulo pela educação em massa. É desta época que teriam surgidos a maioria dos “tao Lu”<sup>11</sup> (formas) que existem atualmente (FERNANDES, 2000).

O conceito de esporte para o povo, baseado nos modelos alemão e italiano, levou a fundação da primeira escola de Wushu tradicional chinês para professores em 1933 (WANG, 1933, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). As influências ocidentais fizeram com que as pessoas percebessem que para o Wushu manter o seu “terreno” e continuar a se desenvolver deveria ser transformado num esporte com competições internacionais a serem realizadas (LIU, 1993, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997).

No final da década de 1920 foram organizados campeonatos de Wushu pelo Instituto Central de Boxe Chinês, criado em 1927, as competições foram realizadas em Tao lu’s (formas) tradicionais de Wushu entre diversos estilos e em Sanda<sup>12</sup> (combate livre), estes primeiros torneios se caracterizaram por uma falta de unidade nas normas e nos equipamentos utilizados (LIU, 1993, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). As artes marciais chinesas foram desenvolvidas para matar e ferir da maneira mais eficaz, por outro lado os esportes de combate ocidentais como o boxe não foi orientado para matar nem atingir pontos vulneráveis do corpo, estas diferenças trouxeram problemas na tentativa de encaixar o Wushu no modelo ocidental de esportes (BROWNELL, 1995, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997).

Então a partir da fundação da República Popular da China em 1949, sob a liderança de Mao Tsé Tung, a “nova China” incentivou o desenvolvimento do desporto, criando organizações chave, numerosas instalações esportivas, divulgando uma nova interpretação ideológica em relação ao desporto (PING, 1995, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997).

---

<sup>11</sup> “Tao Lu” ou formas são sequências de movimentos coreografados utilizando técnicas de luta, no Karate (Japonês) seria equivalente aos “Katas”. As formas do Wushu também são popularmente conhecidas através do termo “Katy”.

<sup>12</sup> A expressão “Sanda” é designada para se referir aos combates entre dois lutadores com as mãos livres. O Termo “Sanshou” também se refere aos combates livres e é a expressão mais conhecida e oficialmente adotada pela Federação Internacional de Wushu.

### 2.3.2 Wushu Moderno

Os comunistas consideraram os aspectos marciais do Wushu como inúteis e ultrapassados, então buscaram mudar o enfoque da prática, de um treinamento voltado para um confronto direto com um adversário para o desenvolvimento de habilidades físicas (STAPLES; CHAN, 1976, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). A este novo Wushu foi dado um significado educacional, passando a ser chamado de “Wushu Moderno” (THEBOOM; DE KNOP, 1997). De 1966 a 1976 a china passou por um período turbulento, então o governo chinês achou por bem abolir a prática da luta nas competições, no entanto a polícia e o exército continuaram com o treinamento de combate como parte integrante da formação das tropas de elite (FERNANDES, 2000). Desde a fundação da República Popular da China, a cultura socialista e do desenvolvimento de atividades físicas e desportivas para as pessoas incorporaram a prática do Wushu<sup>13</sup>. O governo de Mao Tsé Tung instruiu mestres de estilos tradicionais de Wushu para criarem um novo esporte para a sociedade socialista moderna, não enfatizando o combate, mas a saúde, o exercício e o desempenho atlético, no entanto era necessário demonstrar intenção e espírito de luta<sup>14</sup>.

Embora o Wushu Moderno tenha se popularizado na China desde sua formação, os estilos tradicionais de Wushu ainda são muito populares entre as comunidades chinesas expatriadas em todo o Mundo (THEBOOM; DE KNOP, 1997). Na China, ainda há um grande número de antigos mestres que ensinam privadamente e em condições desfavoráveis, sem nenhum apoio do governo (THEBOOM; DE KNOP, 1997). Os alunos de Wushu Tradicional precisam ser muito mais motivados intrinsecamente, ao contrário dos praticantes de Wushu Moderno, cuidadosamente selecionados, que podem obter melhores salários e condições de vida, se apresentarem bons resultados como atletas (THEBOOM; DE KNOP, 1997). Um dos principais fatores que contribuíram para a divulgação do Wushu no mundo foi a produção de filmes de artes marciais chinesas durante o início de 1970, tendo como a mais popular estrela do gênero o ator Li Xiao Long, mais conhecido como “Bruce Lee” (THEBOOM; DE KNOP, 1997). Mais tarde outros atores de filmes de

---

<sup>13</sup> Idem ao número 6.

<sup>14</sup> Idem ao número 6.

Wushu ficaram conhecidos mundialmente, e foram responsáveis pela divulgação do Wushu no Mundo, entre os atores mais conhecidos podem ser citados os astros conhecidos como “Jackie Chan” e “Jet Li”.

Recentemente, o crescente interesse de estrangeiros pelas tradições das artes marciais chinesas, tem influenciado no “renascimento” do Wushu Tradicional, decorrendo em facilidades e incentivos ao turismo (THEBOOM; DE KNOP, 1997). Em 1986 foi criado o Instituto Chinês de Pesquisa em Wushu, e um trabalho de busca pela história do Wushu foi realizado, resgatando as tradições e todo o legado cultural que envolve a prática das artes marciais chinesas<sup>15</sup>.

Em 1990 a Federação Internacional de Wushu (IWUF) foi fundada, suas principais funções têm sido organizar competições internacionais, e seminários para treinadores e árbitros ocidentais (THEBOOM; DE KNOP, 1997). Em 1991 foi organizado o primeiro Campeonato Mundial de Wushu em Beijing, e em junho de 1999 a Federação Internacional de Wushu foi oficialmente reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI)<sup>16</sup>.

As competições de Wushu Moderno são divididas basicamente em duas formas competitivas; o Tao Lu (formas) e o Sanshou (combate livre). No Sanshou as categorias de competição são divididas por idade e peso – havendo competições em ambos os gêneros. No Tao Lu, as competições são divididas por idade e gênero e as rotinas (ou formas) oficiais são divididas em: Chan Quan (Punhos do Norte), Dao Shu (Facão do Norte), Gun Shu (Bastão do Norte), Jian Shu (Espada Imperial), Qiang Shu (Lança), Nan Quan (Punhos do Sul), Nan Dao (Facão do Sul), Nan Gun (Bastão do Sul), Tai Ji Quan (Punho Supremo) Tai Ji Jian (Espada Suprema)<sup>17</sup>. Além destas dez formas oficiais nos campeonatos ocorrem apresentações realizadas em duplas ou grupos chamadas de Dui Lian, estas apresentações consistem numa luta coreografada com ou sem armas de forma espetacular e normalmente uma música instrumental acompanha a coreografia durante a performance<sup>18</sup>.

Estas são as categorias de competição em eventos internacionais de Wushu e nos Jogos Olímpicos Asiáticos, no Campeonato Nacional da China outros estilos

---

<sup>15</sup> Idem ao número 6.

<sup>16</sup> Idem ao número 6.

<sup>17</sup> Idem ao número 6.

<sup>18</sup> Informações retiradas da enciclopédia virtual “Wikipedia: The Free Encyclopedia” no endereço eletrônico [http://en.wikipedia.org/wiki/Wushu\\_\(sport\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Wushu_(sport)). Acesso em: 12/10/09.

de Wushu Moderno entram como categorias para competição como: o Di Tang Quan (estilo acrobático), Ying Zhua Quan (estilo da Águia), Hou Quan (estilo do Macaco), Baqua Zhang (estilo interno baseado nos 8 trigramas do oráculo I Ching), Shengbiao (estilo da corda com dardo), Shuang Dao (estilo facão duplo), Zui Quan (estilo do bêbado), entre muitos outros<sup>19</sup>.

Em 2008, nos Jogos Olímpicos de Beijing, o Wushu Moderno participou do evento como uma modalidade demonstrativa, com o objetivo de divulgar a principal prática corporal e esportiva da China para o mundo, simbolizando, desta forma, um importante passo para o Wushu se tornar uma modalidade olímpica no futuro. O Wushu Tradicional também é regulado e organizado para eventos de competição através da mesma federação responsável pelo Wushu Moderno, no entanto as competições internacionais de Wushu Tradicional são chamadas de “Festivais”, evidenciando um caráter mais lúdico relacionado a estas competições em comparação as competições no Wushu Moderno. No entanto, existe um outro órgão responsável por organizar e realizar competições a nível internacional no Wushu tradicional, a “Federação Internacional de Kung Fu”, que visa organizar e regular as competições no Wushu tradicional e no Tai Chi Chuan propagando os princípios e o espírito do “Kung Fu” e pretende participar dos jogos olímpicos<sup>20</sup>. Desta forma, evidencia-se que o Wushu dito tradicional também sofreu um processo no sentido de uma modernização de sua prática, através da criação de instituições responsáveis pelo seu desenvolvimento e divulgação como uma prática desportiva.

---

<sup>19</sup> Idem ao número 6.

<sup>20</sup> Informações obtidas no site da “Federação Internacional de kung Fu”; <http://www.internationalkungfu.com>, acessado 15/10/09.

### **3 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS**

#### **3.1 PROBLEMA DE PESQUISA**

Quais significados são atribuídos ao Wushu Moderno e Tradicional pelos praticantes destes estilos em Porto Alegre, e como isto se materializa em suas práticas?

#### **3.2 OBJETIVOS**

##### **3.2.1 Objetivo Geral**

Compreender quais significados que professores e praticantes do Wushu Tradicional e do Wushu Moderno atribuem a sua prática.

##### **3.2.2 Objetivos Específicos**

- a) Compreender quais aspectos caracteriza o que é o Wushu Tradicional e o Wushu Moderno.
- b) Entender como o Wushu se desenvolveu e relacionar este processo com as teorias sobre o que é esporte e o processo de esportivização.
- c) Compreender os significados e valores que professores e alunos atribuem ao Wushu.
- d) Traçar semelhanças e diferenças entre o Wushu Tradicional e Moderno e entre os significados atribuídos pelos praticantes na cidade de Porto Alegre.



## 4 METODOLOGIA

### 4.1 COLETA DE DADOS

Para realizar este estudo, selecionei duas academias de Wushu, uma vinculada ao um estilo tradicional e outra ao estilo Wushu Moderno. A partir de diálogos e observações realizadas junto aos professores e alunos, foram selecionados dois alunos de cada academia, classificados como informantes-chaves, que estarão relacionados com o “princípio de diversificação das pessoas”, em que “a questão da representatividade, no sentido estatístico não se coloca” (RUQUOY, 1997), mas sim no sentido de representatividade tipológica, privilegiando que ocorra uma heterogeneidade entre os alunos em ambos os grupos buscando representar o pensamento do grupo como um todo. Estes alunos se diferenciam entre ser um praticante competidor e não competidor. Os alunos e professores das academias participarão de uma entrevista mediante assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

Para tal optei por utilizar a entrevista de tipo semi-estruturada, uma vez que, enquanto instrumento de coleta de dados, possibilita à pessoa revelar as suas referências normativas, sistema de valores, experiências e símbolos (CAMPENHOUDT; QUIVY, 2003). O presente estudo tem como objetivo compreender os significados que são atribuídos a prática e desvelar esse universo cultural a partir da visão dos entrevistados, pois que não seria adequado utilizar um procedimento de análise a partir de categorias pré-estabelecidas, que limitariam as respostas privando o entrevistado de liberdade para se expressar e responder as perguntas com o maior nível possível de profundidade das informações que detém. (THIOLLENT, 1987 e MICHELAT, 1987). Como o estudo visa especialmente identificar valores ligados à prática desportiva, a escolha das entrevistas semi-estruturadas deveu-se ao fato de que os atores atribuem um sentido às suas práticas através de seus sistemas de valores, referências normativas e interpretações que fazem a respeito de suas próprias experiências, conflituosas ou não (CAMPENHOUDT; QUIVY, 2003).

## 4.2 CONSTRUÇÃO DAS ENTREVISTAS

Para construção das entrevistas segui os seguintes passos: (1) Realizar uma revisão bibliográfica relacionada ao problema da pesquisa com a finalidade de direcionar o roteiro de entrevista com vista para obter as informações necessárias para responder as questões do trabalho; (2) Submeter a entrevista piloto a uma revisão do orientador; (3) Introdução das alterações sugeridas pelo orientador; (4) Realizar a entrevista piloto com um elemento inserido no campo da pesquisa a fim de verificar o grau de compreensão deste relativamente às perguntas e do grau de adequação das respostas às expectativas do pesquisador; (5) Modificar ou não conforme os resultados obtidos na entrevista piloto; (6) Aplicação das entrevistas; (7) Transcrição das respostas dos entrevistados de forma resumida, privilegiando as informações que atendem aos questionamentos; (8) Envio da transcrição aos entrevistados para análise e possíveis alterações; (9) Realizar as modificações se necessário.

## 4.3 PROCEDIMENTO ANALÍTICO

Face aos objetivos perseguidos e a forma de coleta de dados, os procedimentos analíticos se consistiram no que pode ser chamado de “análise qualitativa”. Aquilo que os atletas e professores declaram é expressão do que preconizam e sentem de forma explícita, como também a representação implícita de sentimentos inconscientes, do que resulta a necessidade de um esforço intelectual para sua interpretação. Portanto, essa comunicação, transformada em texto, apresenta uma subjetividade a qual possui uma rede própria de significações, valores e ideais. Torna-se evidente que a leitura de textos, ou mesmo o contato com o outro, com grupos sociais e com a própria vida, terá que passar pelo crivo da interpretação. Para facilitar o processo de análise tornou-se fundamental isolar através da bibliografia as grandes categorias teóricas por onde posteriormente decorreu o processo interpretativo (CAMPENHOUDT; QUIVY, 2003).

## 5 DISCUSSÃO

Para compreender quais características definem o Wushu dito “tradicional” e quais características definem o Wushu chamado de “Moderno”, busquei identificá-las através da bibliografia e relacionar com os discursos dos praticantes e professores entrevistados na busca pelos significados atribuídos por estes à prática do Wushu. Após um levantamento dos dados que diferenciam estas duas manifestações da prática busquei compreendê-las a partir dos significados atribuídos pelos seus praticantes, estabelecendo um diálogo entre as diferentes concepções e opiniões que se apresentam em relação ao que é o Wushu Tradicional e Moderno.

O Wushu conhecido, atualmente, como Wushu Tradicional compreende todas as práticas corporais de luta na China, com exceção do estilo de Wushu denominado de “Wushu Moderno”. O Termo Wushu remete a um treinamento físico baseado em técnicas de ataque e defesa, com ou sem armas, se referindo a uma “arte da guerra” ou “arte marcial”. Essas técnicas de luta corpo a corpo se desenvolveram de diversas formas conforme a região ou contexto cultural de onde surgira, atualmente pode se encontrar mais de mil variações ou “escolas” de Wushu entre os diversos grupos étnicos que constituem o território chinês (WANG, 1990, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997), estas diferentes formas de se praticar o Wushu também são chamadas de “estilos”.

Dois principais “escolas de Wushu” que se desenvolveram, surgiram em contextos religioso-filosóficos, o Wushu Shaolin do Templo Budista de Shaolin na Província de Henan e o Wushu Wudang do Templo Taoísta da Província de Hubei (YANG, nd, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). O Wushu como elemento cultural pertencente a estas duas entidades tinha funções como o cultivo da moral, o desenvolvimento intelectual, a melhoria da saúde, efeitos curativos e de reabilitação, autodefesa e desenvolvimento de habilidades artísticas (WU et al., 1992, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). Além deste Wushu desenvolvido nos contextos mencionados anteriormente, as técnicas de combate corpo a corpo também se desenvolveram num contexto militar e entre os civis.

Na dinastia Tang (618-907 d.C.) houve uma grande procura por guerreiros para um recrutamento militar, isto desencadeou na organização de confrontos entre

lutadores sob uma plataforma onde a vitória podia ser obtida por nocaute, desistência ou queda da plataforma, e os participantes deveriam assinar um termo de responsabilidade sobre suas vidas antes do combate (FERNANDES, 2000). Este fato evidencia, ainda que de forma rudimentar, uma prática desportiva com regras simples, visando à identificação de um vencedor que receberia uma premiação, no caso, o recrutamento militar. No entanto muitos dos esportes e passatempos chineses de hoje parecem ter sido originados a cerca de 3000 a 4000 anos atrás (GU, 1990, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997), portanto, provavelmente jogos e competições envolvendo as práticas corporais de luta já deveriam ser realizados muito tempo antes dos confrontos mencionados anteriormente. Estes jogos e confrontos se constituíam a partir de uma esportivização das práticas corporais de luta e se formaram no que Guttmann (1978) denominaria de “esporte primitivo”, onde a preocupação da igualdade de condições e uma quantificação do desempenho entre os participantes não havia.

Em 1909 criou-se O instituto de Wushu Jing Wu Ti Wu Hui, em Shangai, a partir do modelo de organização da Escola Militar de Joinville (fundada em 15 de julho de 1852 pelo imperador francês Napoleão III) (FERNANDES, 2000). Em 1927 criou-se mais um instituto de Wushu, o “Zhong Yang Guoshu Quan” em Nankin, estes dois institutos marcaram a entrada das artes marciais chinesas na era moderna (FERNANDES, 2000). Baseados nos modelos europeus de treinamento físico, novos métodos de ensino, classificações das técnicas por dificuldade, e uma padronização do ensino foram adotadas, substituindo o ensino mestre a discípulo pela educação em massa. Estes acontecimentos podem evidenciar um rompimento com a tradicional forma de praticar e ensinar o Wushu, transformando-o numa prática vinculada as modernas teorias de treinamento físico e metodologias de ensino. É nesta época que teriam surgido a maioria das formas coreografadas para o treinamento das técnicas de luta (Tao Lu's) que existem atualmente (FERNANDES, 2000). Isto originou uma forma de treinamento voltado ao desenvolvimento atlético gradual ao contrário de um treinamento militar ou marcial, onde o processo de formação deve ser mais rápido visando o desenvolvimento de capacidades marciais para a melhor eficiência possível num combate ou numa guerra.

Com a influência das novas concepções acerca do desporto, no final da década de 1920 foram organizadas competições de formas ou Tao Lu's entre diferentes estilos de Wushu e em combate ou Sanshou, estes primeiros torneios se caracterizaram por uma falta de uniformidade das normas e dos equipamentos utilizados (LIU, 1993, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997).

O Wushu era praticado em muitas regiões da China, possuindo variados estilos e formas de praticá-lo, desta forma, as influências dos sistemas europeus de treinamento não poderiam ter influenciado a todos os estilos tradicionais de Wushu. Deste modo, mestres de estilos tradicionais de Wushu, provavelmente, ao migrarem para outros países levaram consigo sua bagagem cultural e conseqüentemente sua forma de praticar e ensinar o Wushu. Pode-se evidenciar este fato a partir das falas dos entrevistados em relação aos aspectos que os levaram a praticar o Wushu:

(...) o Wushu me encantava, pelos aspectos filosóficos, aspectos disciplinares, pela beleza da arte, pela cultura, tradicionalidade, por manter o treinamento com as armas que eram utilizadas na guerra, isso me despertava um encantamento pela riqueza cultural. (...) Eu me interessava muito também pela parte filosófica, o budismo, o taoísmo, toda uma estrutura de pensamento atrás da arte, toda a cultura era muito rica (Professor de Wushu Tradicional).

(...) quando eu comecei a praticar o Wushu eu já me senti bem amparado em termos técnicos e filosóficos (Professor de Wushu Moderno).

(...) para mim era a luta que se apresentava com uma maior tradição (Praticante de Wushu Moderno – Competidor).

(...) minhas motivações quando iniciei era por uma questão de saúde, porque exercitava minha concentração, por ser uma atividade física de que eu gostava, e também pela filosofia que envolve a prática do Wushu (Praticante de Wushu Moderno – não competidor).

O Wushu me chamava a atenção, pois me parecia que havia uma filosofia, de maneira mais clara, ligada a sua prática. Eu percebia isso através de filmes, onde apareciam monges de Shaolin Budistas e a filosofia deles (Praticante de Wushu Tradicional – não competidor).

Pode-se perceber que a questão do vínculo do Wushu com as práticas religiosa-filosóficas é um importante fator de adesão pelos seus praticantes. Através da revisão bibliográfica se percebe que as principais ramificações do Wushu não tinham apenas o intuito de treinar o indivíduo para defesa pessoal, mas também com o intuito de agregar valores e formar um indivíduo intelectualmente autônomo e

reflexivo quanto ao seu lugar no mundo. Isto se evidencia através do discurso dos entrevistados ligados ao Wushu Tradicional, em relação as suas motivações para a prática do Wushu:

Pratico pra manter viva uma tradição, pois no momento em que aceitei a possibilidade de ser professor e fui colocado dentro de uma árvore genealógica, eu tenho um compromisso firmado, eu tenho que passar adiante o conhecimento que foi, de certa maneira, cedido a mim. Então eu não posso deixar morrer o conhecimento. E também por poder contribuir por um mundo um pouco melhor, porque a arte marcial traz a possibilidade de trabalhar com o indivíduo diretamente no que diz respeito à conduta do praticante, da maneira como ele age. Então poder proporcionar pra sociedade pessoas que possam ter uma mente mais esclarecida e uma condição emocional mais harmônica, e poder contribuir com o bem social, então isso é fundamental pra quem pratica arte marcial. Isso é o meu motivador, é o que me mantém dando aula, a possibilidade de interagir com o jovem, de interagir com a pessoa que está em formação, de interagir com o indivíduo que não tem referência, que é um dos grandes problemas da juventude, que não têm mais referências. As pessoas já não têm uma conduta muito adequada, não se preocupam se estão dando um bom exemplo. Então nós, como praticantes de uma arte marcial, dentro de uma disciplina de comprometimento, uma regra de conduta marcial, de forma sadia tentamos inserir no contexto do dia-a-dia das pessoas a noção de uma ética de comportamento, uma conduta adequada, uma maneira de se posicionar perante as coisas, isso vai proporcionar um diferencial tanto para alcançar um êxito profissional, como estudante ou no seu meio social (Professor de Wushu Tradicional).

Meu objetivo é melhorar como pessoa, treinando Wushu nós conseguimos lidar melhor com momentos de tensão. Assim como numa luta, precisamos estar conscientes e tranquilos, assim como entrar na quadra, é um momento tenso, mas precisamos se manter tranquilos. Assim também é fora da quadra, discutindo com pessoas, ou lidando com problemas no dia-a-dia. Temos que nos manter conscientes pra não fazermos nenhuma bobagem e tomar a atitude mais correta (Praticante de Wushu Tradicional – competidor).

Minhas motivações continuam sendo pela parte física, de me manter saudável, tanto fisicamente como mentalmente, pelas questões filosóficas, o budismo, e o convívio com os outros praticantes, que no geral buscam melhorar como pessoa através dos ensinamentos dos antigos mestres e da filosofia Budista. E também pela questão da defesa pessoal (Praticante de Wushu Tradicional – não competidor).

Outros fatores pelos quais as pessoas buscam a prática do Wushu são para melhorar ou conservar sua saúde, ou com a finalidade de aprender um sistema de defesa pessoal:

Eu fui me interessar pela arte marcial, por uma questão de necessidade, além da bronquite asmática, eu era hiper-ativo (...) também por uma questão de saúde, pois são práticas que exigem que o praticante tenha

foco, concentração, e isso me ajudou em todos os aspectos na minha vida (Professor de Wushu Tradicional).

Primeiro é por uma questão de saúde (Professor de Wushu Moderno).

(...) minhas motivações quando iniciei era por uma questão de saúde, porque exercitava minha concentração, e por ser uma atividade física de que eu gostava (...) (Praticante de Wushu Moderno – não competidor).

(...) eu gostava porque eu tinha asma e bronquite e eu sentia que minha saúde melhorava com a prática. No início eu não me dedicava muito, não levava muito a sério, aí quando eu tive uma lesão no tendão por causa do crescimento, eu tive que parar por 6 meses, foi ali que eu senti o quanto o Wushu me fazia falta, eu não ficava mais tão tranquilo quanto antes, não tinha onde canalizar minha energia (Praticante de Wushu Tradicional - competidor).

“Minhas motivações continuam sendo pela parte física, de me manter saudável, tanto fisicamente como mentalmente (...) E também pela questão da defesa pessoal” (Praticante de Wushu Tradicional – não competidor).

Da mesma forma que os aspectos culturais e a forma de pensar oriental chegou até o ocidente, algumas características do treinamento tradicional do Wushu também se mantiveram e provavelmente foram recebidas com olhares críticos pelo ocidente, assim como os comunistas em a partir da segunda metade do século XX que consideraram os aspectos marciais do Wushu como inúteis e ultrapassados, e buscaram mudar o enfoque da prática, de um treinamento para o combate real para o desenvolvimento de habilidades físicas (STAPLES; CHAN, 1976, apud THEBOOM; DE KNOP, 1997). Isto se evidencia numa das falas de um praticante do Wushu Moderno:

No treinamento tradicional, eu achava um tanto “medieval”, por exemplo, socar uma pedra pra calejar a mão, ou para melhorar uma base de pernas, tem que ficar 2h horas na mesma posição, hoje eu faço educação Física e percebo que essas metodologias são um tanto infundadas (Praticante de Wushu Moderno – competidor).

No entanto a troca de informações e conhecimentos entre a cultura oriental e ocidental, desde a vinda do Wushu ao Brasil fez com que esta prática se modificasse através dos novos conhecimentos que chegavam até os seus professores em relação a atividades físicas. A formação de professores ocidentais em Wushu, provavelmente também contribuiu para que os métodos de treinamento ocidental

influenciassem numa modificação das metodologias de ensino. Se referindo a este processo o professor do Wushu Moderno comenta:

Também na questão da didática, existe uma ordem de chutes, socos, uma ordem para aprender as formas, da mais simples a mais complexa, antigamente não existia isso, o treino era mais global, através da prática da luta (Professor do Wushu Moderno).

As competições de Wushu no Brasil seguiram os moldes das competições que já eram realizadas na China, anteriormente ao surgimento do Wushu Moderno. Estas competições apresentam as mesmas dificuldades que ocorreram nas primeiras competições de Wushu na China; uma falta de uniformidade das normas e uma dificuldade em avaliar formas de diferentes estilos numa mesma categoria. Esta dificuldade é relatada por alguns dos entrevistados:

Na parte das formas existe uma dificuldade em relação a comparar diferentes estilos numa mesma categoria, a avaliação, muitas vezes se torna subjetiva (...) (Professor do Wushu Moderno).

Uma coisa de que não gosto nas competições no Wushu Tradicional é que as regras são muito subjetivas, pois é difícil comparar muitos estilos diferentes de Wushu Tradicional numa mesma categoria. No Wushu Moderno não, os movimentos são padronizados, as técnicas realizadas aqui devem ser iguais as que são realizadas na China ou em qualquer outro lugar no mundo (Praticante de Wushu Moderno – competidor).

Então com a fundação da República Popular da China, sob a direção de Mao Tsé Tung, mestres dos principais estilos de Wushu foram instruídos a criarem um novo esporte para a sociedade socialista moderna, não enfatizando o combate, mas o desenvolvimento atlético e a saúde, atribuindo um significado educacional (THEBOOM; DE KNOP, 1997). No entanto, nas formas (Tao Lu), o atleta deveria demonstrar intenção e espírito de luta<sup>21</sup>. Sobre como os entrevistados vêem o Wushu Moderno eles comentam:

O Wushu moderno é um advento olímpico, é uma tentativa do governo chinês de introduzir uma arte de prática cultural dentro de um contexto olímpico. (...) Com um enfoque competitivo, como um esporte de alto rendimento (Professor de Wushu Tradicional).

---

<sup>21</sup> Idem ao número 6.



O Wushu Moderno e o Tradicional estão interligados de certa forma. O Wushu Tradicional é a origem, e o Wushu Moderno é a mudança que aconteceu. (...) E para mim, como eu conheço os dois estilos, pra mim não há diferença, eles só se diferenciam, quando você resolve ser atleta, aí você vai conhecer o Wushu desportivo, o Wushu Artístico. (...) O Moderno não é só a parte desportiva, o Moderno é muitos estilos antigos vivos e sendo atualizados neste momento na China. Para cada estilo antigo existe uma versão moderna, mas também tem os estilos tradicionais ortodoxos. Por exemplo, existe o estilo Garra de Águia Tradicional, mas também existe um estilo águia moderno (Professor de Wushu Moderno).

Na minha visão não tem diferença entre os dois, mas quando eu descobri o Wushu Moderno eu achava que eram duas coisas diferentes, eu achava apenas que o Tradicional era feio e o Wushu Moderno bonito, mas isso porque eu não tinha referências, numa visão muito limitada minha, as formas do Wushu Tradicional não tinham sentido para mim, o Wushu Moderno eu achava mais bonito. Hoje em dia eles não têm diferença pra mim, apenas que um é voltado para o esporte e o outro é voltado para outras coisas. (...) O Wushu Moderno surgiu dos tradicionais, só que ele foi organizado e padronizado pra realização de competições (Praticante de Wushu Moderno - competidor).

Eu não conheço muito a diferença entre os dois, mas eu sei que o Wushu Moderno foi criado para uma competição Olímpica, no entanto no Tradicional também tem competição, então não sei muito bem apontar diferenças entre eles (Praticante de Wushu Moderno – não competidor).

O Wushu Moderno, para mim, os movimentos são meio vazios, no Tradicional você treina as formas pra você melhorar numa luta. Já no Wushu moderno os movimentos são para serem mais bonitos, é um esporte voltado para competição (...) O Wushu Moderno não é qualquer um que pode fazer, é um esporte de alto rendimento (Praticante de Wushu Tradicional – competidor).

As diferenças claras que você encontra em qualquer lugar é que o Wushu Moderno é mais apresentação, não se tem tanta aplicação em luta, ele é feito mais para ser bonito. Ele é mais plástico, eu acho mais bonito as apresentações de Wushu Moderno. Eu nunca o pratiquei então eu não sei se ele possui uma filosofia. (...) no Wushu Moderno não tem tanta aplicação em termos de defesa pessoal. No entanto o atleta de Wushu Moderno tem que estar muito mais preparado, pois ele tem que realizar muitos saltos e acrobacias que são mais extenuantes para o corpo, mais do que no tradicional. Também acho que ele trabalha o mental, mas não sei em relação à filosofia. Como o Wushu Moderno surgiu do Tradicional, podem se perceber os movimentos dos animais nas formas assim como no tradicional. Mas no Moderno, eles são desenvolvidos mais para se tornarem movimentos bonitos. Ele (Wushu Moderno) possui movimentos que visam exibir a força do atleta, demonstra que exigiu muito do atleta para conseguir executar os movimentos, pode-se perceber que é uma coisa difícil de fazer (Praticante de Wushu Tradicional – não competidor).

A partir da visão dos entrevistados pode se concluir que o Wushu Moderno se caracteriza por ser uma prática voltada ao esporte, onde a questão estética dos

movimentos se torna uma característica bastante evidente. A busca pelo alto rendimento, e o objetivo de se tornar um advento olímpico também são características atribuídas a este. No entanto, verifica-se que existe uma outra forma de entender o que é o Wushu Moderno, que não está ligado às competições, mas apenas a uma atualização das formas (Tão Lu`s) do Wushu Tradicional. Isto se evidencia de maneira mais clara na fala do professor de Wushu Moderno:

(...) existe uma organização desportiva, mas também existe um moderno que também é praticado por pessoas de idade, como o Tai Chi Moderno que é praticado nas praças na China. Mas também tem o Tai Chi Moderno desportivo onde também tem saltos, e é de alto rendimento, artístico e desportivo. (...) O Moderno não é só a parte desportiva, o Moderno é muitos estilos antigos vivos e sendo atualizados neste momento na China. Para cada estilo antigo existe uma versão moderna, mas também tem os estilos tradicionais ortodoxos. Por exemplo, existe o estilo Garra de Águia Tradicional, mas também existe um estilo águia moderno (Professor de Wushu Moderno).

No site oficial do famoso ator de filmes de Wushu, Jet Li<sup>22</sup> (ex-atleta de Wushu Moderno), ele comenta em relação a diferença entre um Wushu Moderno que era praticado no seu tempo, e um Wushu Moderno realizado atualmente nas competições internacionais:

Wushu funciona com regras diferentes do que costumava. No Wushu de 1970 e início dos anos 1980, o Wushu competitivo só existia realmente na china, e assim as formas foram julgadas por um conjunto de regras - um conjunto de normas. Em seguida, as autoridades quiseram levar o Wushu para outros países, eles formularam um conjunto de regras internacionais para competições internacionais. Estas regras são penso eu, um pouco mais fáceis do que no regime chinês - ou devo dizer simplificada. Agora eu ouço que as pessoas competem principalmente em três categorias: Changquan, Nanquan, Taijiquan. O sistema hoje não é tão complexo como o que costumava ser, quando todos tiveram que competir no facão, lança, espada reta, bastão, e formas de mãos vazias. Por que, em nossos dias, nós tivemos que aprender tudo de dezoito armas, os estilos internos, estilos externos, tudo. Esse era o nosso currículo. Hoje em dia, se você quiser ir para as Olimpíadas, você aprende a forma obrigatória, e é isso.

Ainda em relação a estas duas formas de conceber o Wushu Moderno, mestre Thomaz Chan (2000), um dos principais introdutores do Wushu Moderno no Brasil, numa entrevista cedida a uma revista fala sobre o surgimento deste “novo Wushu” e evidencia a diferença entre um Wushu Moderno e um Wushu Olímpico:

---

<sup>22</sup> Informações retiradas do site oficial do famoso ator de filmes de Wushu, Jet Li; [www.jetli.com](http://www.jetli.com) . Acesso em: 12/10/09.

**Oriente:** Qual a origem do Wushu?

**Thomaz:** Depois da Revolução Comunista (1949) o governo chinês acreditou por bem fazer uma modernização do Kung Fu Tradicional para melhorar a sua divulgação. Em 1953 realizou-se o Encontro de Esportes Tradicionais Nacionais para lançar a idéia, que tomou corpo em 1955 quando a Comissão de Cultura Física e Esportes da China começou a pesquisar a essência dos velhos estilos. Era a origem do Wushu (Moderno), que só chegou ao Brasil na década de 80.

**Oriente:** Como se dividem suas formas e quais são elas?

**Thomaz:** As formas do Wushu (Moderno) se dividem basicamente em Mãos Vazias, Armas Médias e Armas Longas. Essas formas são:  
 Mãos Vazias: Punhos do Norte, Punhos do Sul e Tai Chi.  
 Armas Médias: Facão, Espada, Nandao (facão do Sul) e Espada Tai Chi.  
 Armas Longas: Bastão, Lança e Nankun (Bastão do Sul)  
 Essas 10 formas são compulsórias, obrigatórias nos torneios. Além dessas, na China as competições nacionais também utilizam as formas livres, mais tradicionais.

**Oriente:** Qual a diferença entre “Wushu” e “Wushu Olímpico”?

**Thomaz:** Na verdade não existe nenhuma diferença substancial. Acontece que o termo “Wushu Olímpico” é utilizado apenas para as 10 formas compulsórias, mencionadas anteriormente, enquanto o Wushu utiliza todas as outras armas e mais as formas tradicionais.

**Oriente:** Como o senhor vê uma futura participação das artes marciais chinesas nas Olimpíadas?

**Thomaz:** A Federação Internacional de Wushu está lutando muito para que essa modalidade seja um esporte olímpico. Atualmente o Wushu já é uma modalidade dos Jogos Olímpicos Asiáticos. Isso é muito positivo para que eventualmente entre como esporte olímpico, o que ainda não ocorreu. (Oriente, 2002, p. 7)

Pode-se concluir, a partir da bibliografia e das informações obtidas nas entrevistas que o Wushu Moderno foi criado como um esporte de competição, voltado para o alto rendimento e à espetacularização através da valorização da estética dos movimentos. Portanto, se diferenciando do Wushu dito Tradicional que estaria mais voltado ao que podemos chamar de um esporte de lazer, para a saúde, mas com um enfoque maior no treinamento para defesa pessoal e na transmissão da cultura chinesa, principalmente através dos conceitos religiosos / filosóficos que envolvem as artes marciais chinesas. No entanto, entre os estilos tradicionais de Wushu também são organizadas competições, tanto a nível nacional como internacional. Em relação ao que pensam a respeito das competições e as diferenças e semelhanças entre o Wushu Tradicional e Moderno os professores entrevistados comentaram:

(...) eu acredito que o principal objetivo de todo mundo que compete é se colocar a prova. (...) Todo mundo que compete, está em busca de resultado, tanto aquele que compete como o que investe no competidor, neste meio o importante é o resultado. (...) acho a competição um meio válido, para que o praticante possa averiguar o nível de sua prática perante os outros, ajuda na formação do indivíduo, pois tem a questão da superação, mais tarde, esta experiência pode ser transferida para um momento em que o indivíduo esteja procurando se colocar no meio profissional, se formar no colégio, faculdade, a lidar com dificuldades familiares, problemas de saúde, e tudo isso passa por superação, se você não tiver um foco adequado, concentração e uma motivação interna boa, você não supera as dificuldades. (...) Eu tomo cuidado para orientar meus alunos, que o mais importante é o que eles tiram de positivo da competição, e que o resultado é apenas um fator agregado, se a medalha vier junto com tudo que a competição pode oferecer de bom a ele, ótimo. Mas aquilo não significa absolutamente nada, é ilusório, se você perdê-la não irá perder sua identidade. Claro que para um profissional, ela serve como currículo, então para alunos que querem se tornar profissionais, eu recomendo que conheçam os dois lados, o lado da competição e o da prática. (...) Depende do objetivo de cada um, se quiser competir pra participar, sem o intuito de ser campeão e tal, sem problema vamos treinar, ou então, se quer competir para se tornar campeão mundial, também não tem problema vamos treinar para ser campeão. (...) O indivíduo tem que saber o que quer buscar, e quem ajuda tem que saber o que ele busca, para realizar a proposta do indivíduo, e não a realização do professor (Professor de Wushu Tradicional).

Na academia, a competição é uma opção, e quem não compete eu trato da mesma forma, não tem uma diferença no tratamento. Mas tem uma diferença de cuidados, quem resolve ser atleta, deve estar preparado, não é só jogar o aluno no ringue ou na quadra. Não é só treinar três vezes por semana e achar que vai ser campeão Brasileiro. Eu uso minha experiência como atleta pra desenvolver uma qualidade máxima dentro da modalidade, é uma maneira de preservar aquilo que cultivei como atleta. Então eu cobro muito a disciplina de quem compete, procuro deixá-los bem conscientes da sua escolha. E quem não compete, é um praticante da mesma forma que os outros também ocorrem apresentações e participam da mesma forma. Não preciso exigir a presença pra quem vem praticar três vezes por semana por saúde. A didática para o praticante é mais tranquila, não se busca performance, se busca oferecer uma possibilidade pra ele desenvolver o corpo e a mente de maneira saudável. O atleta é diferente, se busca além dos limites do corpo. A própria modalidade é assim, não é um esporte que fica num quadro de recreação, é um esporte que fica num quadro de alto rendimento, é um esporte de alta complexidade motora. Quem opta em competir, está a me dizer que quer chegar ao maior nível possível, e não brincar de ser atleta. E quem opta em não competir está dizendo para mim, de certa forma, que quer aprender o Wushu para melhorar a saúde, aprender uma defesa pessoal, e utilizar a filosofia que envolve a arte marcial para aplicar no seu dia-a-dia. A diferença nas competições está nas regras, o tradicional é muito influenciado pelo moderno, pois o grupo de arbitragem do moderno possuem uma experiência maior em organização de competições. Na parte do combate, entre a luta do tradicional e o Sanshou a diferença está nos protetores, onde são as áreas de pontuação. Na parte das formas existe uma dificuldade em relação a comparar diferentes estilos numa mesma categoria, a avaliação, muitas vezes se torna subjetiva, já no moderno não tem esse problema, os movimentos são mais padronizados dentro de cada categoria de estilo. A organização do Wushu Moderno como desporto está mais bem organizado. Pode se perceber isso quando se vai ganhar uma bolsa atleta a nível internacional, só são aceitos atletas do

Wushu Moderno, e é um esporte reconhecido pelo COI. Eu sou árbitro de Tradicional e de Moderno, então eu percebo o quanto é mais fácil arbitrar no Moderno do que no Tradicional (Professor de Wushu Moderno).

Ambos os professores trabalham com a competição com seus alunos, no entanto pode-se perceber uma diferença no significado da competição para eles. Para o professor do Wushu Tradicional a competição é um acontecimento onde o objetivo maior é proporcionar para quem compete um ambiente rico em experiências, que se administradas de forma positiva, auxiliarão na formação do indivíduo. E que o mais importante é realizar os anseios do atleta, seja esses buscar ser campeão ou apenas com intuito de participar dando um enfoque mais lúdico à competição. Já para o professor do Wushu Moderno a competição é um evento onde o que deve se buscar é o resultado, e, portanto, é necessário que o atleta se esforce ao máximo na busca por uma excelência técnica, justificando-se a partir das características que definem o Wushu Moderno desportivo; como um esporte de alto rendimento.

Outro relevante aspecto que pode se observar, é de que apesar do Wushu Moderno ter sido criado com um enfoque desportivo competitivo, verifica-se que as pessoas o procuram com outros objetivos que são desvinculados a lógica desportiva competitiva, como pela busca por saúde, como defesa pessoal, e por um interesse na filosofia oriental. Objetivos estes, que estariam mais vinculados a prática de um Wushu tradicional não desportivo. Desta forma ocorre uma reapropriação da prática do Wushu Moderno desportivo a partir dos significados, vinculados ao Wushu Tradicional, atribuídos a ele, por outro lado, pode se verificar que o inverso também ocorre através de uma fala do praticante de Wushu tradicional que participa de competições:

(...) eu tenho motivação para competir, eu tenho tipo um sonho de talvez um dia ganhar um campeonato mundial de Wushu Tradicional. Mas também se eu não ganhar, não vou ficar triste, as competições são mais como um fator para me motivar mais a treinar. As competições são boas, porque você se obriga a se manter praticando e evoluindo sempre (Praticante de Wushu Tradicional - competidor).

Em relação ao discurso do praticante de Wushu Tradicional competidor, pode encontrar na fala do praticante de Wushu Moderno, também competidor, o mesmo

anseio e uma relação entre o que se experiencia numa competição e a aplicação desta vivência em outras dimensões da vida:

Eu pratico o Wushu atualmente por uma satisfação pessoal mesmo, e a minha motivação e objetivo é competir, eu quero ser o melhor. Não importa se não sou chinês, se comecei a praticar tarde ou se sou alto, eu quero um dia ser o melhor naquilo que eu faço, e eu levo isso para minha vida também (Praticante de Wushu Moderno – Competidor).

Para melhor compreender o que diferencia estas duas manifestações de práticas corporais de luta chinesas, destaco o que os entrevistados falaram a respeito das diferenças e semelhanças entre uma e outra:

Pois o Wushu Moderno foi criado num contexto olímpico. Com um enfoque competitivo, como um esporte de alto rendimento. O que a maioria dos praticantes de artes marciais tradicionais receia é que ocorre um desvirtuamento do objetivo da prática, como ela busca a estética, a beleza, ela está perdendo seu contexto marcial. (...) O Tai Chi Chuan competitivo está virando um amontoado de pulos, alinhavados com alguns movimentos de Tai Chi. A roupa e indumentária está mais artístico do que marcial, a maneira como se inicia e termina as formas, está se tornando como num filme. E eu não vejo isso como arte marcial chinesa, eu vejo isso como uma adaptação desportiva da arte marcial chinesa. (...) assim como acho que o Judô também não é arte marcial japonesa, pois foi adaptada a ser esporte escolar e olímpico. (...) Tudo que é desporto de arte marcial é com objetivo de expressar a técnica minimizando o risco ao outro. Mas arte marcial chinesa é eliminar a agressão da maneira mais eficaz possível. O Katy (forma) tradicional, não é pra ser bonito, é pra demonstrar as técnicas de luta, foi criado por mestres pra guardarem suas experiências de luta adquiridas (...) As formas do Wushu Moderno se adaptam ao individuo, se tiver um biotipo do estilo do sul, vai fazer uma forma do sul, se tiver um biotipo do estilo do norte vai pro Norte, no tradicional você tem que se adaptar ao estilo, vai ter que trabalhar o corpo de variadas formas. E no tradicional o praticante, então, vai poder escolher quais técnicas irão se adaptar melhor a ele, sendo ele magro ou gordo, alto ou baixo, de alguma forma ele vai se encontrar dentro do estilo (Professor de Wushu Tradicional).

O Wushu Moderno e o Tradicional estão interligados de certa forma. O Wushu Tradicional é a origem, e o Wushu Moderno é a mudança que aconteceu. (...) pra mim não há diferença, eles só se diferenciam, quando você resolve ser atleta, aí você vai conhecer o Wushu desportivo, o Wushu Artístico. Aí fugiria do contexto, apesar de ter origem na arte marcial, você entra num outro mundo. Então o Wushu Moderno é diferente do Tradicional quando se torna desportivo. Então se cria toda uma estrutura política, organizacional, com regras, criando formas didáticas para se formar atletas. (...) Um bebe da fonte do outro, o Tradicional se baseia nas competições do Moderno, através do estilo de arbitragem, a questão também das demonstrações, da socialização, isto é referência do Moderno, na origem, o Wushu Tradicional não era assim, as técnicas eram realizadas em segredo, não podia se demonstrar as técnicas de luta. Pois eram segredos que seriam utilizados nas guerras. Também na questão da didática, existe uma ordem de chutes, socos, uma ordem para aprender as

formas, da mais simples a mais complexa, antigamente não existia isso, o treino era mais global, através da prática da luta.(...) No Wushu Moderno também tem um código de ética, realização do cumprimento antes da luta, a disciplina exigida, isso prova que o Tradicional ainda é muito vivo dentro do Moderno. A questão da aplicabilidade técnica, os Tradicionais que dizem que o Moderno não tem aplicabilidade estão desmerecendo a própria fonte, pois todos os movimentos que tem no Moderno são aplicáveis, não tem como os movimentos terem surgido do nada, é totalmente embasado em técnicas tradicionais.(...) Na verdade, o Moderno se define muito na formação dos professores. Se o professor é formado no Wushu Moderno dentro de uma estrutura onde só se foca o esporte, então o professor não vai querer saber sobre as aplicações das técnicas da forma, vai fazer um cumprimento só pra cumprir tabela, para não ser desclassificado, não quer saber o que significa o cumprimento. E tem gente que esta vindo desta fonte, se é Tao Lu (formas) é puramente movimentação, flexibilidade, potência, saltos e só. Na luta também, só querem ganhar a luta. Eu considerado culpado, em parte, as estruturas organizacionais de hoje, as federações internacionais estão cada vez mais criando formas para formar da maneira mais rápida professores e atletas. Então a maioria acaba querendo apenas formar atletas, e isso acaba a desejar no entendimento da aplicabilidade e da disciplina. Isso não seria o Wushu Moderno, seria o Wushu puramente desportivo (Professor de Wushu Moderno).

Na minha visão não tem diferença entre os dois, mas quando eu descobri o Wushu Moderno eu achava que eram duas coisas diferentes, eu achava apenas que o Tradicional era feio e o Wushu Moderno bonito, mas isso porque eu não tinha referências, numa visão muito limitada minha, as formas do Wushu Tradicional não tinham sentido para mim (...) Hoje em dia eles não têm diferença pra mim, apenas que um é voltado para o esporte e o outro é voltado para outras coisas. Mas no brasileiro deste ano eu vi competidores do Tradicional que faziam as formas com bastante força e explosão que foram melhores do que algumas formas do Moderno. O Wushu Moderno surgiu dos tradicionais, só que ele foi organizado e padronizado pra realização de competições. (...) Em relação à disciplina, anteriormente eu achava que o tradicional era mais rígido e o moderno mais descontraído, hoje eu já não vejo mais da mesma forma. A disciplina é tão exigida no Moderno quanto no tradicional, e em relação aos treinos para competição eu acho que a cobrança é maior no Wushu Moderno. Aqui na academia a cobrança da disciplina em relação ao atleta é maior em relação ao praticante que não compete. Nas competições uma diferença que observei foi na idade dos competidores, no Wushu Tradicional é mais comum encontrar pessoas com mais idade fazendo as formas tranquilamente. Uma coisa de que não gosto nas competições no Wushu Tradicional é que as regras são muito subjetivas, pois é difícil comparar muitos estilos diferentes de Wushu Tradicional numa mesma categoria. No Wushu Moderno não, os movimentos são padronizados, as técnicas realizadas aqui devem ser iguais as que são realizadas na China ou em qualquer outro lugar no mundo (praticante de Wushu Moderno – competidor).

Eu não conheço muito a diferença entre os dois, mas eu sei que o Wushu Moderno foi criado para uma competição Olímpica, no entanto no Tradicional também tem competição, então não sei muito bem apontar diferenças entre eles. Já presenciei um campeonato, mas não sei dizer a diferença entre eles nos campeonatos (Praticante de Wushu Moderno – não competidor).

O Wushu Moderno, para mim, os movimentos são meio vazios, no Tradicional você treina as formas pra você melhorar numa luta. Já no Wushu moderno os movimentos são para serem mais bonitos, é um esporte voltado para competição, eu vejo, por exemplo, quando a pessoa for mais velha e não conseguir mais realizar os movimentos difíceis do Moderno, o que ela vai fazer. No tradicional a pessoa pode continuar praticando durante toda a vida. O Wushu Moderno não é qualquer um que pode fazer, é um esporte de alto rendimento. A semelhança, é o trabalho com o corpo, também é uma atividade onde se pode canalizar sua energia, trabalhar a concentração, também vivência os aspectos da competição. Acho o Moderno um tanto delicado, pois é uma prática voltada só para competição, então é mais fácil de desiludir, se você se dá mal numa competição, já no Tradicional as técnicas não servem apenas para se entrar na quadra, elas são usadas para aplicação. Na quadra eles (os estilos) são a mesma coisa, o que muda são os movimentos. Mas no Wushu Moderno dão mais valor a questões estéticas, no Tradicional se tem uma abertura para diferentes formas de demonstrar as técnicas, no moderno é tudo padronizado, no tradicional tem mais abertura pra você demonstrar sua forma de ser, sua energia, sua expressão. No Moderno tem um modelo a ser seguido, um competidor do estilo do norte tem que ter determinadas características e o do sul outras (Praticante de Wushu Tradicional – competidor).

As diferenças claras que você encontra em qualquer lugar é que o Wushu Moderno é mais apresentação, não se tem tanta aplicação em luta, ele é feito mais para ser bonito. Ele é mais plástico, eu acho mais bonito as apresentações de Wushu Moderno. Eu nunca o pratiquei então eu não sei se ele possui uma filosofia ligada a pratica. No Wushu Tradicional as formas têm uma aplicação prática, já no Wushu Moderno não tem tanta aplicação prática em termos de defesa pessoal. No entanto o atleta de Wushu Moderno tem que estar muito mais preparado, pois ele tem que realizar muitos saltos e acrobacias que são mais extenuantes para o corpo, mais do que no tradicional. (...) Como o Wushu Moderno surgiu do Tradicional, podem se perceber os movimentos dos animais nas formas assim como no tradicional. Mas no Moderno, eles são desenvolvidos mais para se tornarem movimentos bonitos. Ele (Wushu Moderno) possui movimentos que visam exibir a força do atleta, demonstra que exigiu muito do atleta para conseguir executar os movimentos, pode-se perceber que é uma coisa difícil de fazer (Praticante de Wushu Tradicional – não competidor).

Ainda em relação às semelhanças e diferenças entre o Wushu Tradicional e o Wushu Moderno, Mestre Thomaz Chan responde:

**Oriente:** Sendo um mestre em estilos tradicionais, como o senhor vê a relação entre o Kung Fu Tradicional, antigo, e o Wushu Moderno?

**Thomaz:** Bem, podemos dizer que ambos possuem objetivos similares, embora tenham grandes diferenças conceituais. O Wushu é mais uma modernização do Kung Fu tradicional, o que sempre ocorreu na história da China. A maioria das formas que conhecemos hoje não possui mais do que 250 anos, o que em virtude dos milhares de anos de Kung Fu, é extremamente recente. O Wushu é mais um degrau nessa etapa, adaptando o Kung Fu mais complexo para esses tempos mais apressados. Claro que a profundidade das formas tradicionais nunca será deixada de lado, mas ambos podem conviver naturalmente e de forma harmoniosa, complementando-se (Oriente, 2002, p. 7).



Nesta fala, Thomaz Chan evidencia que a diferença entre estas duas práticas se dá em grande parte apenas conceitualmente, e de certa forma deixa claro que não existe uma real separação entre o que é tradicional e moderno, mas sim diferentes desenvolvimentos e formas de se apropriar das artes marciais chinesas.

Ainda relacionado a ligação existente entre estas, ao ser questionado em relação aos aspectos culturais chineses na prática do Wushu Moderno ele comenta:

**Oriente:** A filosofia e a cultura chinesa também são importantes no Wushu?  
**Thomaz:** Certamente. Para se compreender e entender realmente o que é o Wushu, é importante que se saiba ao menos um pouco sobre a filosofia e a cultura da China. Destaco que o Wushu, apesar de adequado a campeonatos, não é apenas um esporte, mas parte da cultura tradicional da China e intimamente ligado ao Kung Fu Tradicional” (Oriente, 2002, p. 7).

Pode-se concluir que a diferença entre o Wushu denominado de tradicional e o chamado de moderno se dá principalmente de forma conceitual, pois seus professores e praticantes atribuem diferentes sentidos e significados a suas práticas que se diferenciam das finalidades e significados aos qual o Wushu antigo ou tradicional e o Wushu moderno ou desportivo se desenvolveram. Estes evidenciam como a única diferença marcante fora do contexto competitivo, a maneira como são realizados os movimentos das formas, e no maior grau de dificuldade na realização dos movimentos no Wushu Moderno. No entanto, verifica-se que o Wushu Moderno têm sofrido fortes mudanças no sentido de se adequar aos requisitos que um esporte olímpico deve apresentar, a partir de um interesse político da China em tornar o Wushu uma modalidade olímpica. Esta acentuada mudança está sendo encarada de forma crítica tanto pelos praticantes do Wushu Tradicional quanto pelos do Wushu Moderno, como se pôde verificar anteriormente na fala dos entrevistados.

O ex-atleta de Wushu Moderno e ator Jet Li faz uma crítica a esta mudança que vem ocorrendo no Wushu:

Não há mais um “sabor” pessoal. No passado, quando vimos pessoas praticando espada reta, você pode ter certeza de que dez atletas de alto nível iriam exibir dez sabores diferentes. Mesmo o simples ato de “apontar” a espada - todo mundo faria o movimento com seus próprios ritmos individuais - tudo tecnicamente correto e todos distintos. (...) Hoje em dia os atletas parecem máquinas. Eles estão se movendo tão rapidamente, eu mal posso ver o que eles estão fazendo. E não há sabor. Wushu não é uma corrida. Não deve ser como os outros esportes, onde ganha o atleta mais

rápido. Pessoalmente, eu gostaria de ver diferentes estilos e sabores. Eu gosto quando as artes marciais ainda são uma arte - quando os atletas são artistas que desenvolvem e executam seus estilos distintos. As artes marciais tem sido sempre a variedade e a diversidade: diferentes estilos, diferentes culturas, diferentes estados. Ela costumava ser de uma forma que você poderia dizer o nascimento de alguém pela maneira como eles praticavam seus wushu, "Ah, esse cara é da província de Shandong" ou "Olha, ela deve ser de Shanxi." Poderíamos dizer isto, porque já conhecíamos os estilos. Agora, tudo tem sido misturado, e tornou-se homogêneo<sup>23</sup>.

A partir dos discursos dos entrevistados podem-se identificar alguns aspectos que evidenciam semelhanças e diferenças entre estas duas formas de conceber o Wushu denominadas de "Tradicional" e "Moderno". Uma das principais diferenças que se pode destacar entre as duas práticas é que uma foi criada com a finalidade de se tornar um esporte competitivo ou Olímpico enquanto que a outra é mais voltada aos aspectos do treinamento para defesa pessoal e transmissão de valores através de um vínculo com a sabedoria chinesa e práticas religiosas / filosóficas. No entanto existem duas formas de interpretar o que é o Wushu Moderno; na visão dos praticantes do Wushu tradicional este se constitui numa versão esportivizada, onde sua finalidade se centra nas competições, assim como do seu surgimento e desenvolvimento na China. Já na concepção dos praticantes de Wushu Moderno não há uma diferença substancial entre as duas práticas.

Esta relação de semelhança que ocorre entre estas duas formas de Wushu existentes, e a diferença pouco marcante entre suas competições, principalmente no contexto nacional brasileiro, se dá pelo fato do Wushu Moderno ainda se apresentar como um esporte amador. Os níveis técnicos dos atletas, em geral, ainda se encontram distantes em relação aos atletas da China, que possuem apoio e incentivo governamental através da possibilidade de profissionalização dos seus atletas (THEBOOM; DE KNOP, 1997).

De acordo com Wu bin, fundador da renomada Equipe de Wushu de Beijing e um dos principais responsáveis pelo desenvolvimento do Wushu Moderno na China, afirma que o Wushu na América é visto mais como um hobby do que uma profissão – ele compreende que é fácil para as crianças estudarem quando estão alegres e pararem quando não estão, neste sentido considera que treinar sem perseverança

---

<sup>23</sup> Idem ao número 22.

se constitui meramente numa “brincadeira” e não em um “treinamento” (Chung, 2007). Wu Bin também fala da diferença entre os atletas da China e dos EUA:

Na China, os profissionais treinam pelo menos quatro horas por dia. Seus corpos estão preparados para os movimentos e o nandu. Na América, os atletas não treinam muito, os carpetes não são padronizados e proteção e equipamentos não são suficientes. Isso é injusto com os atletas dos EUA. Até agora, a América não pode se comparar à China (Chung, 2007, p. 5)

Em relação às artes marciais chinesas tradicionais, Zhao Changjun (ex-atleta de Wushu Moderno e Reitor do Instituto de Wushu Zhao Changjun em Xian, China) fala numa entrevista sobre o “Wushu tradicional”:

As artes marciais competitivas nunca podem representar todo o cenário das artes marciais chinesas. (...) Espero que as artes tradicionais chinesas sejam como o Sumô no Japão. O Sumô não está pressionando para se tornar olímpico. Há um respeito especial para com o Sumô. As artes tradicionais chinesas ainda tem muito a oferecer. (...) Deve haver uma boa relação entre o Wushu Moderno e Tradicional. Deve haver mais troca. Isso prolongaria a vida competitiva do Wushu Moderno. Isso poderia aumentar o desenvolvimento e fornecer mais espaço para o crescimento. Você precisa de duas pernas para andar: uma é o Wushu Moderno, a outra o Tradicional. Você não pode desistir de nenhum deles (CHING; OH, 2006, p. 6).

Desta forma Zhao Changjun nos traz que a prática destas duas concepções das artes marciais chinesas não são opostas ou divergentes, mas sim complementares. Tanto o Wushu Tradicional como o Moderno desportivo deve continuar a se desenvolverem no sentido de preservar e difundir a cultura das práticas corporais de luta chinesas, com a finalidade de trazer saúde, autoconfiança, lazer, filosofia de vida, profissionalismo, realizações e muitos outros aspectos que podem ser adquiridos através da prática do Wushu, independente de estilos ou formas de praticá-lo. Cada praticante de Wushu pode se desenvolver e se beneficiar desta prática a partir dos seus valores e do meio social no qual está inserido.

Numa passagem do filme “O Reino Proibido” (The Forbidden Kingdom, 2008), onde estrelam os dois atores mais conhecidos de Wushu, Jackie Chan e Jet Li, seus personagens definem o que significa “Kung Fu”, e de certa forma resumem o que foi dito anteriormente:

Kung Fu: Trabalho árduo por um longo tempo para adquirir habilidade. Um pintor pode ter Kung Fu. Ou o açougueiro, que corta a carne todo dia, com

tanta habilidade que sua faca nunca toca os ossos. Aprenda a forma, mas busque o que não tem forma. Ouça o inaudível. Aprenda tudo e esqueça tudo. Aprenda o caminho, e então encontre o seu próprio. O músico pode ter Kung Fu. Ou o poeta, que pinta imagens com palavras e faz os imperadores chorarem. Isso também é Kung Fu. Mas não dê nome a ele, meu amigo, porque ele é como a água. Nada é mais suave do que a água, mas mesmo assim ela pode superar uma rocha. Ela não luta, ela flui em torno de seu oponente. Sem forma, sem nome. O verdadeiro mestre reside em seu interior. Apenas você pode libertá-lo.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir da revisão bibliográfica acerca do desenvolvimento do Wushu pôde-se perceber que seu desenvolvimento foi influenciado por diversos fatores como as correntes religiosa-filosóficas, a política, o cinema, ideologias esportivas entre outros aspectos. Foi possível verificar que as práticas corporais de luta chinesas se desenvolveram no sentido de sua esportivização, no entanto estas práticas se constituem de diversas formas e com diferentes significados, de forma que se mantiveram algumas formas de praticar o Wushu que divergem da lógica do esporte competitivo. A partir desta revisão e das entrevistas foi possível identificar o que diferencia o Wushu dito “Tradicional” e o Wushu chamado de “Moderno”, no entanto na realidade Brasileira, esta diferença se dá mais significativamente de forma conceitual do que de uma forma substancial, na prática. O “Tradicional” estaria vinculado ao que pode se denominar de esporte amador ou uma prática corporal mais direcionada ao lazer, a saúde, defesa-pessoal, e transmissão da cultura chinesa; principalmente através de correntes de pensamento que permeiam a prática do Wushu. Já o “Moderno” consistiria num processo de desenvolvimento do Wushu no sentido de sua esportivização, se desenvolvendo na busca por se tornar o que pode ser chamado de um “esporte moderno”, no qual o alto-rendimento e a espetacularização seriam os objetivos da sua prática. No entanto, independentemente do significado e do universo em que estas diferentes formas de Wushu se originaram, pôde-se verificar que seus praticantes irão atribuir seus próprios significados em relação à prática de acordo com seus valores e representações que constroem a partir de suas experiências e do meio social no qual está inserido.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CAMPENHOUDT, L.; QUIVY R. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradativa, 2003.

CHING, Gene; OH, Gigi. Where Wushu went Wrong: Wushu`s leading Champion, Zhao Changjun, Extols the traditional. **Kung Fu Magazine**, nov/dez, 2006. Disponível em: <[www.kungfumagazine.com](http://www.kungfumagazine.com)>. Acesso em: 16/08/09.

CHUNG, Melody. Wu Bin – The Father of Modern Wushu. **Kung Fu Magazine**, ago/set, 2007. Disponível em: <[www.kungfumagazine.com](http://www.kungfumagazine.com)> . Acesso em: 16/08/09.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERNANDES, André. História do Kung Fu. **Combat Sport**, out/nov., 2000.

FRIGERIO, Alejandro. Capoeira: de arte negra a esporte branco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.4, 1989. Disponível em: < <http://www.anpocs.org.br>>. Acesso em: 30/09/09.

GONZÁLES, Fernando Jaime. **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

GUTTMANN, A. **From Ritual to Record. The nature of Modern Sports**. New York: Columbia University, 1978.

MICHELAT, Guy. Sobre a utilização da entrevista não diretiva em sociologia. In: THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5. ed. São Paulo: Polis, 1987.

MINKOFF, Rob. **The Forbidden Kingdon**. [Filme-vídeo] EUA, 2008.

PADIGLIONE, V. Diversidad y pluralidad en el escenario deportivo. **Apunts: Educación Física y Deportes**. Barcelona, v.41, 1995.

PARULSKI, George R. **Os Segredos do Kung Fu**. São Paulo: Record, 1984.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza. In: SANT'ANNA, Denise B. **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

REID, Howard; CROUCHER, Michael. **O Caminho do Guerreiro**: o paradoxo das artes marciais. São Paulo. Cultrix, 2003.

RICOEUR, P. **Do texto à acção**. Porto: Rés, 1989.

RIOS, G. B. O processo de esportivização do Taekwondo. **Pensar a Prática**, Goiânia, V. 8, n. 1, p. 37- 54, 2005.

RUQUOY, Danielle. Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In: ALBARELLO, Luc. DIGNEFFE, Françoise; HIERNAUX, Christian M. et al. **Práticas e métodos de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1997.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, Lazer e Estilos de Vida**: um estudo etnográfico. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. (Coleção educação física e esportes).

THEEBOOM, Marc; DE KNOP, Paul. An analysis of the Development of Wushu. **International Review for the Sociology of Sport**, n.32, p. 267, 1997.

THIOLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquête operária**. 5. ed. São Paulo: Polis, 1987.

WACQUANT, Loic J.D. **Corpo e Alma**: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

YU, Ronny (dir.). **Huo Yuan Jia**. [Filme-Vídeo] China, 2006.

## Anexos

### Anexo A

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que fui esclarecido, de forma detalhada sobre a pesquisa, que tem como título “O Kung Fu Tradicional e o Wushu Moderno” bem como da importância de sua realização. Esta pesquisa tem por objetivo responder quais significados são atribuídos ao Wushu Moderno e Tradicional pelos praticantes destes estilos em Porto Alegre, e como isto se materializa em suas práticas?

O responsável por esta pesquisa, Vinício Renner Koppe (telefone: (51) 30243658; endereços eletrônicos: [viniciokoppe@yahoo.com.br](mailto:viniciokoppe@yahoo.com.br)), Graduando em Educação Física da Escola de Educação Física / UFRGS, garante aos participantes:

- Não há nenhum risco aos participantes da pesquisa, já que os entrevistados serão submetidos apenas a um questionário de perguntas.
- É garantido ao entrevistado, se for da sua vontade, deixar a pesquisa a qualquer momento. Para tal foi fornecido o telefone de contato.
- Prestar esclarecimentos antes e depois da pesquisa.
- A identidade dos participantes não será revelada e as informações que forem prestadas poderão ser utilizadas somente para fins científicos.

Para quaisquer outros esclarecimentos, contatar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFRGS – pelos telefones: (51) 3308-3738 ou 3308-3629.

---

Nome e Assinatura do Participante da Pesquisa



## Anexo B

### Roteiro de Entrevistas - Professores

- 1) Porque escolheu praticar uma luta e não um outro esporte ou atividade física?
- 2) Quando e como conheceu o Wushu, e quais eram suas motivações ou objetivos quando iniciou a prática?
- 3) Já praticou outras lutas?
  - Se não, porque não quis experimentar outras?
  - Se sim, porque escolheu o Wushu?
- 4) Há quanto tempo você pratica o Wushu, com que idade iniciou a prática?
- 5) Pratica alguma outra atividade física além do Wushu?
  - Se sim, qual, e com que freqüência? Com que finalidade?
- 6) Você pratica o Wushu?(dias e horas por semana)
  - Pratica o Wushu sozinho ou com seu professor? Como você se atualiza em relação a sua prática?
- 7) Quais seus objetivos, ou motivações com a prática do Wushu atualmente?
- 8) Já competiu ou compete?
  - Se sim, quantas vezes? Porque competiu, ou compete?
  - O que sente ou sentia quando está na quadra? Como você vê os praticantes que teriam condições de competir e optam por não competir?
  - Se não, por que não? O que pensa em relação às competições? Como vê os praticantes que optam em competir?
- 9) Baseado no que você conhece a respeito do Wushu Tradicional e Moderno, como você os vê?
  - Quais as diferenças e semelhanças em sua opinião?
  - Se já presenciou um campeonato, qual a diferença entre a competição no Wushu Moderno e no Tradicional?

## Anexo C

### Roteiro de Entrevista - Praticantes

- 1) Porque escolheu praticar uma luta e não um outro esporte ou atividade física?
- 2) Quando e como conheceu o Wushu, e quais eram suas motivações ou objetivos quando iniciou a prática?
- 3) Já praticou outras lutas?
  - Se não, porque não quis experimentar outras?
  - Se sim, porque escolheu o Wushu?
- 4) Há quanto tempo você pratica o Wushu, com que idade iniciou a prática?
- 5) Pratica alguma outra atividade física além do Wushu?
  - Se sim, qual, e com que frequência? (Qual delas tem maior importância? E por quê?)
- 6) Com que frequência você pratica o Wushu?(dias e horas por semana)
  - Pratica o Wushu em outro espaço além da sua academia?
- 7) Quais seus objetivos, ou motivações com a prática do Wushu atualmente?
- 8) Já competiu ou compete?
  - Se sim, quantas vezes? Porque competiu, ou compete?
  - O que sente ou sentia quando está na quadra? Como você vê os praticantes que teriam condições de competir e optam por não competir?
  - Se não, por que não? O que pensa em relação às competições? Como vê os praticantes que optam em competir?
- 9) Baseado no que você conhece a respeito do Wushu Tradicional e Moderno, como você os vê?
  - Quais as diferenças e semelhanças em sua opinião?
  - Se já presenciou um campeonato, qual a diferença entre a competição no Wushu Moderno e no Tradicional?